APONTAMENTOS DE EPIGRAFIA PORTUGUESA

Do:

Nuno Gonçalves

Jr.

1937
Tip. da Emprêsa Nacional de Publicidade
R. do Diário de Notícias, 78 — Lisboa

APONTAMENTOS DE EPIGRAFIA PORTUGUESA

POR

J. M. CORDEIRO DE SOUSA

Da Academia de História de Madrid,
do Instituto de Coimbra, etc.

2.ª EDIÇÃO

EMPRÊSA NACIONAL DE PUBLICIDADE
1937

À Associação dos Arqueólogos Portugueses

O. D. C.

O Autor

PROLOGO

Pôsto que, por motivos que aleguei algures, discorde da opinião dos autores que juntam ás suas publicações prologos elaborados por outrem, nem por isso tenho deixado de escrever uns tantos para livros ou opusculos não feitos por mim. Ás vezes deveres de amizade a que não se resiste, e natural condescendencia... Tomára eu que ninguem me pedisse cousas d'estas! Ao que fica dito acresce o não poder, na idade a que cheguei, distrair-me das minhas arduas labutações literarias, pouco tempo que seja, sem prejuizo d'elas.

Quis o Sr. Cordeiro de Sousa, bom amigo, que eu lhe traçasse tambem uns rabiscos, com que abrisse os seus Apontamentos de Epigrafia Portuguesa, *que vão aparecer a lume pela segunda vez. Aqui me vejo pois obrigado a interromper os meus trabalhos, e de mais a mais a discorrer acêrca de um assunto que não está rigorosamente dentro da esfera de estudos a que em particular me dedico, porque de haver dado á estampa um*

ou outro artigo de Epigrafia nacional não se deduz que eu me julgue capaz de falar, ex professo, *d'esta sciencia. Consagro-me, sim, um pouco a Epigrafia romana; d'ela porém difere muito a nossa.*

Entremos na materia.

O Sr. Cordeiro de Sousa intitula modestamente Apontamentos *o seu livrinho; podia talvez chamar-lhe* Elementos. *Temos aí, de facto, um esbôço de Epigrafia, aplicado a Portugal, onde ainda neste campo não existia nenhum trabalho generico, e sómente artigos. O individuo que quiser estudar uma inscrição portuguesa, ou latino-portuguesa, isto é, em latim e de assunto nacional, encontra nos* Apontamentos *uma guia comoda, que, se não lhe resolve todas as dificuldades que se lhe deparem, lhe dá certo auxílio para entrar no assunto e o encaminha para compreender tratados estrangeiros mais vastos e mais complexos.*

Eis alguns reparos que na leitura me ocorreram, e que não acho descabido reproduzir:

Parece-me que na literatura epigrafico-portuguesa que se cita em notas não figura O Antiquario Conimbricense, *de 1840-1841, que, regulando-me pelos numeros que possuo, vejo que só se ocupa de inscrições e documentos da epoca portuguesa.*

Pag. 16. Não sei que haja escritura gaulesa. *É certo que o A. se reporta a Mabillon, mas a citação ficou concisa de mais, e sem indicação de pagina, para que se possa verificar a afirmação. As inscrições que nos restam dos Gauleses, ou Celtas da Galia, são com caracteres gregos e latinos, e ha um terceiro grupo com caracteres etrusco-septentrionais, de duvidosa celticidade. Leia-se G. Dottin,* Antiquité Celtique, *2.ª ed., Paris 1915, p. 90-103. Os escritos que a lenda atribue aos druidas não passam de caracteres oghamicos, gravados em varinhas ou talas de caracter magico:*

Dottin, ib., *p. 379. Tambem ha escrita irlandesa, mas medieval e de origem italica: vid. Hans Jensen,* Geschichte der Schrift, *Hannover 1925, p. 175.*

Pag. 27. Ao falar de calendas, nonas, idus, *poderia ter notado que a sintaxe do latim classico diferia da do latim medieval: este usa os nomes dos meses em genetivo, aquele faz que concordem, como adjectivos que são, com* calendas, nonas, idus, *por exemplo:* a. d. VI Kal(endas) Novembres, a. d. III nonas Januarias, *etc.*

Pag. 41. O capitulo, que concerne aos pontos de separação, deveria ser exemplificado.

Pag. 52. M H A não é abreviatura de minha, *mas a palavra* mha, *que se pronunciava* miâ *ou* miá, *valendo* i *semi-vogal o* h, *e significava «minha». O Sr. Cordeiro, no seu util livro* Inscrições Portuguesas do Museu do Carmo, 2.ª *ed., p. 16, traz uma em que se lê* mha alma. *A par usava-se na nossa literatura medieval* mh *por* mi. *Cf. os meus* Textos Arcaicos, 3.ª *ed., p. 182.*

Pag. 53. Lexicon abbreviaturarum. *Não me parece que se usasse* abbreviatura *em latim. Os epigrafistas costumam dizer* compendia scripturae. *No nosso caso, porque é que não se empregou uma expressão portuguesa?*

Pag. 83. As inscrições romanas nem sempre começavam por D M S ou por outra fórmula analoga. Muitas tenho colhido para o Museu Etnologico sem fórmulas; basta abrir o Archeologo Português *ao acaso para verificar isso, por exemplo, vol. XXVIII, 213, 214, 217 (dois exemplos), 218, 219, 222, 223, 224 (três exemplos), 225, etc., etc. O proprio Cagnat, que o Sr. Cordeiro cita, diz na* Épigraphie Latine, 3.ª *ed., p. 252, que na origem as inscrições funerárias romanas não começavam por fórmulas, e pelo contrário eram muito simples. As fórmulas vieram ulteriormente.*

Pag. 87. Por tribunus selerum *numa inscrição do século XVI, de caracter arcaico, a qual o Sr. Cordeiro não especifica, deve entender-se* tribunus celerum, *comandante dos* céleres *(cavaleiros). Para Portugal, arcaismo bem singular!*

*

Pela sua parte, o autor de certo emendará no fim do volume alguns descuidos tipograficos que destoam da gravidade e elegancia do opusculo, cuja reedição saúdo com muita simpatia.

Campolide (Lisboa),
19-V-37.

J. LEITE DE VASCONCELLOS

NOTA DO AUTOR — Cumpro um agradável dever deixando aqui exarado o meu sincero agradecimento ao Mestre dos arqueólogos portugueses, o Ex.mo Sr. Dr. José Leite de Vasconcelos, pela benevolência com que se prestou a escrever o prólogo dêstes modestos «Apontamentos», dedicando-lhes algumas horas amàvelmente roubadas às suas árduas labutações literárias.

Julgo porém, e até para corresponder à distinção que se dignou conceder-me, que devo tentar justificar alguns pontos do meu trabalho que provocaram o seu reparo.

Não me referi ao Antiquário Conimbricense *por apenas fazer as citações comprovativas do que afirmara no texto. Não me esqueceria de o citar se organizasse uma bibliografia das inscrições portuguesas.*

A escrita dos gauleses, o gallicum vetus, *era composta com caracteres gregos e latinos. Julgo pois que houve uma escrita gaulesa, embora sem caracteres próprios.*

Empreguei o latim medieval no calendário referido à era hispânica, por ser essa a forma usada nas inscrições portuguesas cuja data a tabela apresentada relaciona com a era actual. Estes «Apontamentos» não se referem à epigrafia latina.

O capítulo referente aos pontos de separação deveria ser exemplificado. Mas é logo na 2.ª linha.

MHA não é abreviatura da palavra minha. *Pœnitet me.*

Abbreviaturarum. Não se usava a palavra abbreviatura *em latim. Lembro-me de que Adriano Cappelli intitula o seu*

magnífico Dizionario di abbreviature latine ed italiane *justamente «Lexicon abbreviaturarum».*

As inscrições funerárias romanas, na origem, não começavam por fórmulas, mas desde Augusto adoptaram-nas, como regra geral. Basta abrir ao acaso O Arqueólogo Português, *por exemplo: vol. I, págs. 55, 195 (2 exemplos), 196 (2 exemplos), 198, 199, 253, 323; vol. II, págs. 25 (2 exemplos), 26 (2 exemplos), 129; vol. III, págs. 192, 194, 224, 289, 290, etc., e assim nos seus 29 volumes; as* Portugalliæ Inscriptiones Romanæ, *págs. 170, 171, 175, 176, 179, 180, 182, 183, 185, 186, 188, 191, 193. 196 a 200, etc., em quási tôdas as páginas até 295; ou o* Corpus Inscriptionum Latinarum, *cuja citação seria um nunca acabar, para se verificar isso. Até as inscrições lusitano-romanas eram «consagradas freqüentemente aos Diis Manes (Leite de Vasconcelos,* Rel. da Lusitânia, *vol. 3.º, pág. 399).*

O arcaismo tribunus selerum (por celerum), *apresento-o propositadamente no capítulo «das inscrições com aspecto arcaico».*

Que não se veja nesta simples nota outra intenção além do desejo de me justificar perante o Mestre amigo a quem tributo o maior respeito pelo seu muito saber.

PREFÁCIO

DA 1.ª EDIÇÃO

Aqui estamos a prefaciar o presente livro do nosso amigo e consócio, o sr. José Maria Cordeiro de Sousa, não sabemos bem porque razão, por isso que apenas somos amadores do assunto nele versado e, como tal, publicámos, em tempos, um despretensioso artigo Notas sôbre algumas inscrições relativas a Vasco da Gama [1].

Porém, sôbre estas considerações que, de sobejo, justificavam a não inclusão do nosso nome neste lugar, pesou mais a consideração que nos merece o seu estudioso autor e, assim, é com o maior prazer que, nalgumas palavras, vimos fazer a sua apresentação, aliás desnecessária, para os nossos confrades da Associação dos Arqueólogos Portugueses, que estão habituados, há muito, a presenciar a sua esclarecida actividade como conservador do seu Museu e a ler, com interêsse, na Arqueologia e História, *órgão da mesma colectividade, no* Arqueólogo Português *e noutras revistas da especialidade, os trabalho que tem dedicado a esta importante matéria.*

---

[1] *Número especial de* A Fôlha de Sines, *de 25 de Janeiro de 1926.*

Para os que não pertencem à nossa Associação aqui indicamos os seus títulos: A Sigla de Lourenço Afonso, *1922;* Inscrições portuguesas do Museu do Carmo, *1.ª, 2.ª e 3.ª séries, 1923-1925;* Algumas siglas e abreviaturas usadas nas inscrições portuguesas desde o fim do século XII até o princípio do século XIX, *1926;* Uma lápida quinhentista dos arredores de Lisboa, *1927;* Inscrições sepulcrais da Sé de Lisboa, *1927;* e Marcas de canteiro, *1928.*

Neles seguiu os saüdosos ensinamentos de seu ilustre progenitor, Luciano Cordeiro, secretário perpétuo da Sociedade de Geografia de Lisboa, autor de numerosos livros sôbre variados assuntos, que, nos dois estudos: Inscripções portuguezas, *1895-1896, o primeiro saído na revista* Arte portugueza *e o segundo no* Boletim da Sociedade de Geografia [1], *patenteou os seus dotes de epigrafista.*

Quanto a êste novo trabalho, a que o seu autor, com escusada modéstia, não quis dar o título de Manual da epigrafia portuguesa *ou qualquer outro semelhante, representa um feliz e original empreendimento, pois, entre nós, não há nenhum livro neste género, e, no estrangeiro, não conhecemos nenhum idêntico.*

[1] *De ambos se fizeram separatas.*

Com efeito, em França, conforme afirmou, em carta dirigida ao seu autor, um dos mais ilustres epigrafistas, está ainda pouco estudada a epigrafia medieval, e na Itália, Marucchi, ao terminar o seu Tratado elementar de epigrafia cristã, *diz que se deve esperar que alguém venha a ocupar-se daquele assunto.*

Todos reconhecerão, pela sua leitura, que é um livro absolutamente indispensável aos epigrafistas.

Com o seu auxílio se decifrarão, com a maior facilidade, os milhares de inscrições que existem espalhadas pelo nosso país e se poderá conseguir, por essa forma, a constituïção dum corpo ou prontuário de letreiros ou inscrições portuguesas.

Para êste importantíssimo reportório já muitos autores, como D. António Caetano de Sousa, Monterroio Mascarenhas, António Joaquim Moreira, Cunha Rivara, Padre Francisco José Patrício, Joaquim José Lapa, Borges de Figueiredo, Frascarelli, Albano Belino, Dr. Leite de Vasconcelos, Dr. Alves Pereira,

Dr. Ribeiro de Vasconcelos e Garcez Teixeira, etc. [1], *contribuiram com as suas compilações mais ou menos desenvolvidas.*

Tenciona o sr. Cordeiro de Sousa, também, contribuir para a realização dêste prontuário de inscrições portuguesas, no que seria unânimemente aplaudido por todos os que se dedicam a êste ramo da arqueologia histórica.

Terminamos êste breve prefácio felicitando o sr. Cordeiro de Sousa pelo seu novo livro, de incontestável utilidade, fruto de assíduo e inteligente labor, que honra não só o seu autor mas também a benemérita e prestante Associação dos Arqueólogos Portugueses, sob cuja égide êle é publicado.

HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA

[1] *Vide o artigo de Sousa Viterbo,* Bibliographia epigraphica portuguesa, *a pág. 11-16 do 2.º volume do* Archeologo Português, *1896.*

INTRODUÇÃO

Longe de mim a ideia de dar a estas páginas outro aspecto que não seja o de um simples caderno de apontamentos, a custo reünidos durante longos anos de estudo e peregrinações por monumentos e museus, ora recordando com saüdade os primeiros ensinamentos paternos, ora escutando o conselho de algum raro amigo conhecedor destas velharias [1], ora tendo de caminhar sòzinho, ensaiando hipóteses, tentando regras, coligindo materiais para arrotear um terreno bravio, que outros mais hábeis hão-de certamente cultivar.

*

O sábio professor Orazio Marucchi termina o seu manual de epigrafia cristã com as seguintes palavras, que traduzem o incitamento para prosseguir na vasta obra de que a sua é um tão valioso capítulo:

«...allora finisce l'antica epigrafia cristiana, che

[1] Não devo deixar de patentear aqui a minha gratidão pelas indicações, sempre proveitosas, com que me tem encaminhado o meu querido amigo e mestre, tão modesto como erudito arqueólogo, sr. eng. F. A. Garcez Teixeira.

è l'oggetto di questo manuale, e comincia l'epigrafia del medio evo propriamente detto, di cui è da sperare che altri voglia occuparsi...» [2]

Sem a ridícula pretensão de querer passar por continuador de um trabalho para que não tenho nem elementos nem competência, julguei, no entanto, que deveria, dentro da modéstia dos meus estudos particulares, contribuir para que o meu País pudesse responder um dia, na parte que lhe compete, ao apêlo do ilustre cientista italiano [3].

*

A epigrafia é, como se sabe, a ciência das inscrições. Ciência cuja cultura exige longa preparação. Ela é, sem dúvida, uma das mais importantes auxiliares da História.

Não devemos, evidentemente, atribuir ao estudo da epigrafia medieval o alto interêsse que resulta da decifração dos textos epigráficos de épocas remotas, à qual, no dizer de Le Bas [4], devemos «une foule de connaissances sur la chronologie, la biographie, la génealogie, la linguistique, sur l'administration, sur l'état social et sur la vie intime de la plupart des peu-

[2] Orazio Marucchi, *Epigrafia cristiana*. Milano, 1910. Parte seconda, pág. 450.

[3] A simples arrumação dêstes apontamentos foi, a princípio, feita sem a intenção de lhes dar publicidade. Ao amável incitamento do meu erudito amigo e ilustre historiador de Arte, Ex.mo Sr. Dr. Luiz Xavier da Costa, eu devo a publicação do volume que agora se reedita, levada a efeito por envaidecedora proposta sua à Direcção da Associação dos Arqueólogos Portugueses, de que era então muito digno Presidente.

[4] *Sur l'utilité que l'on peut tirer de l'epigraphie*. Paris, 1829.

ples de l'antiquité», que nos foram revelados pela inteligente interpretação das velhas inscrições.

Mas, mesmo no caso presente em que nos ocupamos apenas da epigrafia portuguesa, somos levados a reconhecer a sua indiscutível utilidade, pois que, como nos diz o ilustre paleógrafo dr. Laranjo Coelho, «...para a reconstituïção do passado de uma região, de uma localidade, avultam, com particular e valioso interêsse, as inscrições lapidares das suas igrejas e capelas, das suas muralhas e fortalezas, dos seus pórticos e monumentos, das suas casas solarengas, dos seus edifícios públicos», que, com efeito, «constituem um dos mais interessantes capítulos e elucidativos subsídios, não sòmente para o estudo biográfico das personalidades que na terra e nos cargos da sua governança tiveram uma situação de relêvo... como também para a história das suas instituïções e estabelecimentos, dos seus usos e costumes, das suas artes e ofícios, das suas festas e diversões, enfim, dos múltiplices e variados aspectos da sua vida social» [5].

E quão profícuo é o seu auxílio na revelação de nomes e datas de que se havia perdido a memória, de ligações genealógicas que são descobertas ou confirmadas, de mercês que os registos das chancelarias omitiram, ou no esclarecimento de tantos factos que a tradição tem conservado nebulosos.

*

Erradamente se supõe que o estudo da epigrafia é fastidioso e frio como a pedra das suas inscrições.

[5] *Inscr. lapid. de Castelo de Vide*, in «Revista de Arqueologia», vol. I, pág. 194.

Êle tem um raro encanto para os que sabem formar com êsses velhos caracteres as páginas gloriosas da nossa história ou algum trecho perdido da grande tragédia da Vida.

Quantas vezes a leitura de uma dessas lousas nos dá a ilusão do ruído longínquo das cavalgadas africanas ou do eco dolorido de uma voz que se extingue sob as lajes frias de um claustro!

*

Nesta segunda edição fizeram-se algumas alterações e acrescentamentos, que o melhor conhecimento do assunto aconselhou.

Procurou-se esclarecer a origem de certos elementos da escrita lapidar portuguesa no seu primeiro período; introduziu-se, por se crer na sua utilidade prática, o quadro da correspondência entre a era hispânica e a de Cristo; indicou-se na lista das abreviaturas o século em que cada uma esteve mais em uso e um local onde poderá ser confirmada; aumentou-se o número, ainda bem restrito, das gravuras e exemplos; reüniram-se mais tipos de inscrições; procurou-se, enfim, dar a estes apontamentos a utilidade de uma tentativa que, por ser, por enquanto, a única, poderá porventura auxiliar os que queiram dedicar-se ao estudo das inscrições portuguesas.

I

Dos caracteres

Quando a espada gloriosa do Rei Afonso I talhou na terra ensangüentada das Espanhas o já caracterizado reino portucalense, na escrita lapidar da Península predominavam ainda as formas degeneradas do alfabeto latino, mantido, através de longos séculos, pelas populações hispano-romanas.

Impostos pela civilização incontestàvelmente superior dos vencidos do século V, costumes, leis, religião, o próprio idioma; a escrita lapidar visigótica conserva, embora um tanto adulterados, os velhos caracteres que Roma havia legado aos povos peninsulares.

Êsse tipo de letra resiste ainda às profundas convulsões do século VIII, quer mantendo-se dominante nos estados cristãos por quási todo o longo e acidentado período da Reconquista, quer persistindo tolerado nos territórios de população mozárabe.

Uma das manifestações mais características dessa degenerescência do alfabeto romano, e que pela presença de elementos na escrita lapidar portuguesa merece ser aqui apontada, é a que se distingue pelas linhas acentuadamente angulosas de certos caracteres.

Não forma, contudo, êsse tipo, uma série alfabetiforme completa, nem sequer pode ser-lhe atribuída uma idade comum, pois se alguns dos seus elementos

remontam incontestàvelmente à alta Idade-Média, outros devem ter uma origem bastante posterior.

O seu desaparecimento é também desigual, posto que, geralmente, bastante tardio.

Se, por exemplo, o *O* em losango, que vamos encontrar na escrita gaulesa [1], quási não nos aparece na Península posteriormente ao século X [2]; o *C* angular, freqüente nas inscrições dêsse século e do posterior [3], penetrou pelo seguinte, encontrando-se com abundância na epigrafia portuguesa do século XII [4]; ao passo que o *S* dêsse tipo não se deixa conhecer antes do fim da XI centúria, mantendo-se durante o primeiro período da nossa escrita monumental [5].

Caracteres de tipo cursivo, em que a linha curva é quási exclusivamente empregada, surgem-nos, por vezes, de entre os caracteres romanos das lápidas medievais.

Como êles, ou nos vieram da velha escrita latina, ou, oriundos de além Pirenéus, pouco a pouco se foram introduzindo na epigrafia hispânica.

São os primeiros, a meu ver, derivados do alfabeto romano arcaico, conservado persistentemente pelo

---

[1] Mabillon, *De re diplomatica*.

[2] Ex. na catedral de Barcelona, nas igrejas mozárabes de Santo Adriano de Boñar, S. Pedro de Montes, Santiago de Peñalba, etc.

[3] Alves Pereira, *Epigrafia cristiano-latina*, in «O Arqueol. Port.», vol. VII.

[4] Ex. nas inscrições de Almourol, Pombal, Tomar, etc.

J. P. Ribeiro, *Diss. Cronol.*, menciona-o até em inscrições do século XIII.

[5] Ex. na igreja do mosteiro de Alcobaça, no deambulatório e no transepto.

povo, a despeito do esfôrço das classes cultas para a adopção exclusiva da escrita monumental, semelhantemente ao que sucedeu com a linguagem popular, que continuou a subsistir a par do latim literário ou erudito.

São, por exemplo, o *D* minúsculo de haste inclinada para trás, chamado em Espanha visigótico, que, com efeito, é vulgar em lápidas dos séculos VI, VII, VIII, IX e X [6] e se conserva na epigrafia portuguesa dos séculos XII [7] a XIV [8], mas cuja origem não será arriscado procurar no cursivo de Pompeia [9], ou no uncial romano do século III; o *E* curvo, forma vinda do grego, que nos aparece no cursivo do século I, é vulgar nas inscrições cristãs do século III [10], se conserva nas inscrições visigóticas dos séculos VII, VIII, IX e X [11] e alcança as nossas epígrafes anteriores à adopção do uncial mediévico; o *G* de haste horizontal, freqüente nos séculos II e III [12], na epigrafia espanhola dos séculos VI a X [13], e, em Portugal, desde o século XII [14] até, pelo menos, ao século XIV [15]; o *L* seme-

---

[6] Hübner, *Inscr. Hisp. Christ.*

[7] Ex. Tôrres Vedras, Tomar, etc.

[8] Ex. Tomar (Santa Maria dos Olivais), etc.

[9] Cagnat, *Cours d'épigraphie latine*.

[10] Marucchi, *Epigrafia cristiana*.

[11] Hübner, ob. cit., Catedral de Barcelona, Museu de Sevilha, etc.

[12] Cagnat, ob. cit.

[13] Hübner, ob. cit.

[14] Tomar, etc. Vid. Luciano Cordeiro, *Inscripções portuguezas*.

[15] Carmo (Lisboa), etc. Vide J. M. Cordeiro de Sousa, *Marcas de canteiro*.

lhante ao algarismo 2, usado em lápidas romanas do século III [16], peninsulares do século X [17], como o que está na igreja pre-românica de S. Pedro de Lourosa [18]; e o *M* em arcada, uncial romano da época imperial [19], usado nas basílicas cristãs dos primeiros séculos [20], na escrita gaulesa [21], na Espanha cristã dos séculos IX e X [22] e nos nossos documentos lapidares do século XII [23].

Outros dêsses caracteres, porém, não nos aparecem antes da adopção da letra francesa, como, por exemplo, o *T* em caracol, tão vulgar nas nossas inscrições da XII centúria [24].

*

Embora os monges e cavaleiros franceses que, ao findar o século XI, transpuseram em não pequeno número as ásperas montanhas pirenáicas, e, mais os monges que os guerreiros, difundissem nas Espanhas o uso do alfabeto uncial (do baixo latim *uncia*), só com o declinar da primeira metade do século seguinte se acentuam, entre nós, as suas formas onduladas e

[16] Cagnat, ob. cit.

[17] Hübner, ob. cit.

[18] D. José Pessanha, *S. Pedro de Balsemão e S. Pedro de Lourosa*, II, pág. 51, e P.e Aguiar Barreiros, *A igreja de S. Pedro de Lourosa*, cap. III, pág. 19.

[19] Cagnat, ob. cit.

[20] Marucchi, ob. cit.

[21] Mabillon, ob. cit.

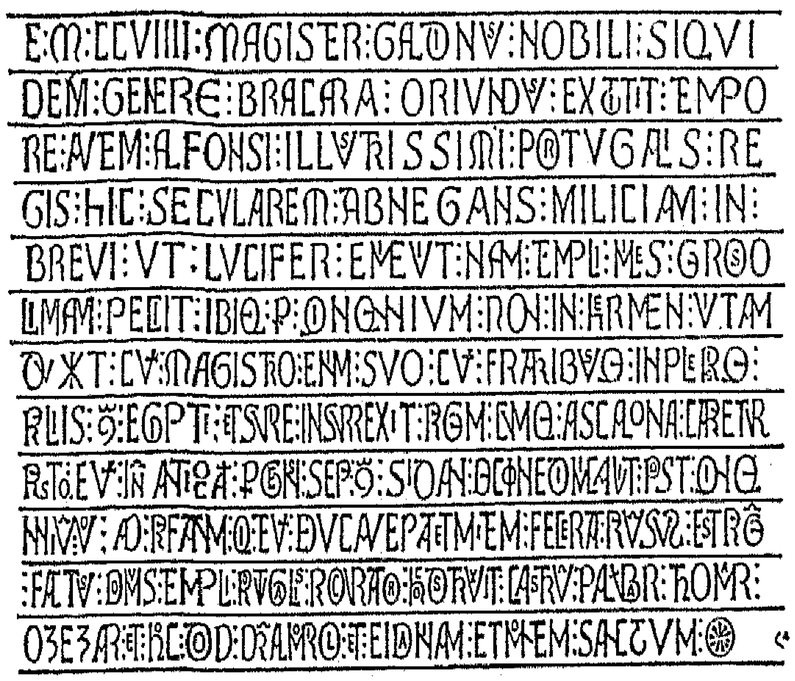
[22] Hübner, ob. cit.

[23] Ex. Tomar, Tôrres Vedras, etc.

[24] Ex. Tomar (Santa Maria dos Olivais), Tôrres Vedras (Santa Maria do Castelo), etc.

brandas, por entre os hirtos e angulosos caracteres das velhas inscrições.

É, pois, essa promiscuïdade, que se encontra e caracteriza os primeiros documentos epigráficos nacionais.



Inscrição do castelo de Pombal [25]

Com o vagaroso decorrer dos anos o número dêsses unciais primários aumenta, podendo computar-se, no fim do século XII, num terço, média que progressivamente se eleva a metade durante o século seguinte,

[25] Publicada por Luciano Cordeiro, *Inscripções portuguezas*, in «Arte Portugueza», n.º 3, pág. 70. Separata, 1896, pág. 33, por Vieira Guimarães, *A Ordem de Christo*, pág. 35, e Garcez Teixeira, *Uma iluminura do século XVI*, pág. 14.

até, ao atingir os seus últimos anos, se constituir definitivamente o alfabeto uncial [26].

O latim já por tôda a parte vai desaparecendo das inscrições, para dar lugar aos idiomas das nacionalidades modernas, e, entre nós, é desde o reinado de D. Deniz que êsse abandôno se acentua.

As primeiras inscrições já escritas em português,

Alfabeto uncial completamente constituido

em que se encontram apenas caracteres unciais, não vão além do princípio do século XIV, época em que êsses belos caracteres adquirem um aspecto formosíssimo.

O seu talho profunda-se em secção triangular, as curvas alargam-se ou comprimem-se, seguindo livre-

[26] Ex.: 1281, Coimbra; 1286, Alcobaça, etc.

mente a fantasia do artista que os insculpe; as poucas linhas rectas interrompem-se com círculos ou pontos; os espaços vazios enchem-se com pequenos traços ou triângulos; e as extremidades ou se dilatam ou se contorcem em elegantes estilizações vegetais [27].

Então a estes caracteres se dá o nome de monacais, escolásticos ou góticos maiúsculos, designação esta impròpriamente atribuída pelos renascentistas, ou acaso derivada da sua forma, que lembra a do arco em ogiva adoptado na arquitectura da época que lhes corresponde, como lembra Millares Carlo, na sua *Paleografia española* [28].

O uncial mantém-se apenas o curto espaço de tempo que vai desde o fim da primeira metade do reinado de D. Deniz até o de D. João I, e pode dizer-se que êsses formosíssimos caracteres desaparecem com a aproximação do fim do século XIV, se bem que sejam do ano de 1402 os que se lêem no velho túmulo do primeiro Arcebispo de Lisboa [29].

Até esta época as linhas de cada inscrição eram, quási sempre, divididas por traços ou pauta, que posteriormente pouco aparece.

*

Com o despontar do século XV surgem, entre nós, os caracteres góticos minúsculos. Nascidos da fusão do

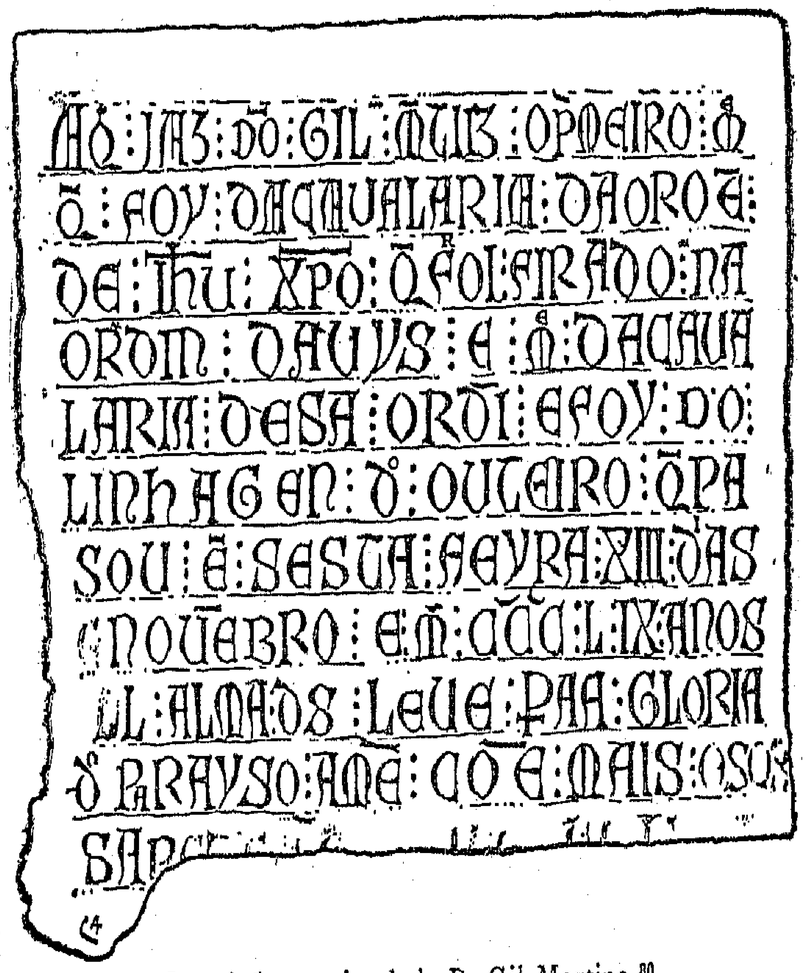
[27] Já no meado do século XIII se encontram no sul da Espanha caracteres muito ornamentados a que julgo poder ser atribuída uma influência mudéjar.

[28] Vol. I, pág. 209.

[29] J. M. Cordeiro de Sousa, *Inscrições sepulcrais da Sé de Lisboa.*

rúnico e do latim, é da Alemanha que o seu uso irradia para quási tôda a escrita lapidar europeia.

A sua adopção é rápida, quási não há transição, e



Inscrição sepulcral de D. Gil Martins [30]

num período relativamente curto, substituem por completo os caracteres maiúsculos, que depois apenas se encontram algumas vezes empregados no princípio das

[30] Publicada por Luciano Cordeiro, *Inscripções portuguezas*, in «Arte Portugueza», n.º 2, pág. 35; separata, 1896, pág. 25, e Vieira Guimarães, *A Ordem de Christo*, pág. 64.

palavras, como, por exemplo, na inscrição tumular de D. Frei Gonçalo de Sousa [31].

O desenho dêstes caracteres, quási exclusivamente formado por linhas quebradas, é duma grande simplicidade e elegância.

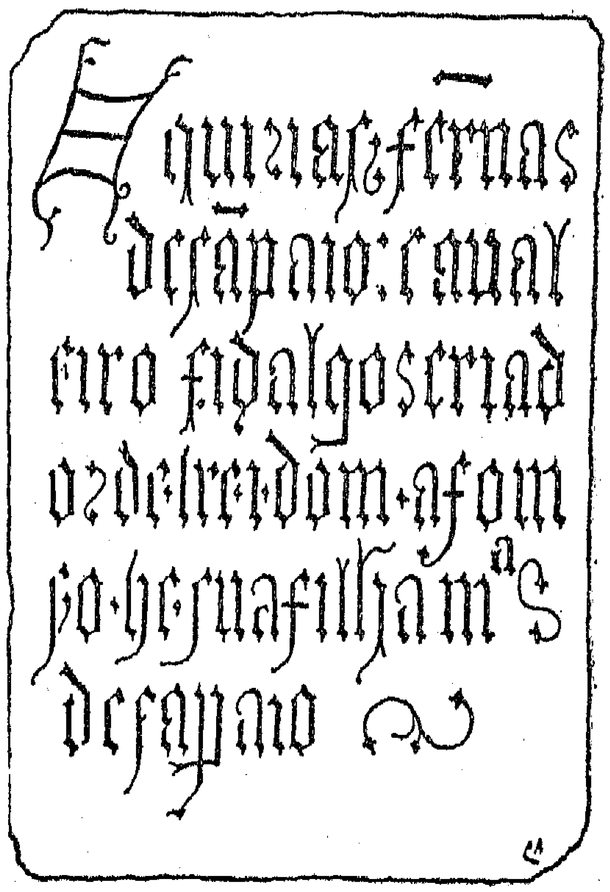
Formas mais vulgares de caracteres góticos minúsculos

Encontram-se muitas vezes em relêvo [32], e, quando cavados, são sempre de secção triangular.

[31] Para a bibliografia desta inscrição vide J. M. Cordeiro de Sousa, *Inscrições portuguesas do Museu do Carmo*.

[32] Ex. no túmulo do Rei D. Fernando I, actualmente no Museu do Carmo, etc.

O seu uso foi corrente durante a segunda metade do reinado de D. João I [33] e os de D. Duarte [34],



Inscrição sepulcral de Fernão de Sampaio
Séc. XV. Tomar, Santa Maria dos Olivais [35]

D. Afonso V, D. João II, D. Manuel I e ainda de D. João III [36].

Pelas reproduções, e bem poucas são, que acompa-

[33] Ex.: 1415, Lisboa, Museu do Carmo.

[34] Ex.: 1439, Pôrto, Museu Municipal.

[35] Publicada por Luciano Cordeiro, *Inscripções portuguezas*, in «Arte Portugueza», n.º 2, pág. 35.

[36] Ex.: 1548, Lisboa, Sé Catedral.

nham êste volume, se verá como é arriscado pretender, dentro do mesmo tipo de letra, atribuir a pequenas variantes paleográficas, muitas vezes resultantes da perícia ou até da maior ou menor cultura do canteiro, se não até do meio em que êle trabalhava, uma exagerada importância na fixação da data de determinada inscrição que se pretende estudar.

*

Desde o meado do século XIV que, como se sabe, se operava na Itália, principalmente em Florença, êsse movimento artístico, literário e filosófico a que se chamou Renascimento. Só, porém, mais tarde, pelos fins do século XV, começa espalhando-se pelo ocidente da Europa, anunciando o final da Meia-Idade e chegando até nós, como querem alguns, depois de 1491.

Com êsse regresso às formas clássicas vem naturalmente a adopção dos antigos caracteres latinos, e assim, durante a segunda metade do século XVI, assistimos ao desaparecimento constante e progressivo das belas inscrições góticas, que dão lugar às pesadas e desgraciosas capitais romanas dos séculos XVII e XVIII.

II

Das datas

A data que, em geral, assinala as nossas inscrições, e até meados do século XIII se referia sempre ao calendário romano, passa a indicar apenas a era de César, e raras vezes o ano Domini, o da Encarnação, o da criação do Mundo, etc., até à conhecida lei de 22 de Agôsto de 1422, em que D. João I manda adoptar o ano do Nascimento [1].

Como é geralmente sabido, no calendário romano o mês dividia-se em *calendas, nonas* e *idus*. Os primeiros dias dos meses eram os primeiros dias das calendas, o sétimo dia era o primeiro das nonas e o décimo quinto o primeiro dos idus, nos meses de Março, Maio, Julho e Outubro. Nos outros meses principiavam as nonas no quinto dia e os idus no décimo terceiro. Os dias intermédios contavam-se pela ordem retrógrada.

«Assim, no primeiro de Janeiro dizia-se *calendas ianuarii;* em trinta e um de Dezembro, *pridie calendas ianuarii;* em trinta, *tertio calendas ianuarii;* em vinte e nove, *quarto calendas ianuarii,* etc., e o mesmo a respeito das nonas e dos idus» [2].

---

[1] Orden. Afons., Liv. IV, tit. LXVI.

[2] J. F. Pereira, *Chronologia.*

Para ràpidamente se encontrar a correspondência entre uma data referida ao calendário romano e o ano do Nascimento, por que nos regulamos, dá-se a tabela seguinte que, para maior facilidade de procura de um dia referido às calendas, nonas ou idus de qualquer mês, se começa no décimo nono dia *ante calendas Januarii*, que corresponde ao dia 14 de Dezembro do ano anterior.

XIX	Calendas	Ianuarii	.....	14 de	Dezembro
XVIII	»	»	.....	15 »	»
XVII	»	»	.....	16 »	»
XVI	»	»	.....	17 »	»
XV	»	»	.....	18 »	»
XIV	»	»	.....	19 »	»
XIII	»	»	.....	20 »	»
XII	»	»	.....	21 »	»
XI	»	»	.....	22 »	»
X	»	»	.....	23 »	»
IX	»	»	.....	24 »	»
VIII	»	»	.....	25 »	»
VII	»	»	.....	26 »	»
VI	»	»	.....	27 »	»
V	»	»	.....	28 »	»
IV	»	»	.....	29 »	»
III	»	»	.....	30 »	»
Pridie	»	»	.....	31 »	»
Calendæ		»	.....	1 »	Janeiro
IV	Nonas	»	.....	2 »	»
III	»	»	.....	3 »	»
Pridie	»	»	.....	4 »	»
Nonæ		»	.....	5 »	»
VIII	Idus	»	.....	6 »	»
VII	»	»	.....	7 »	»
VI	»	»	.....	8 »	»
V	»	»	.....	9 »	»
IV	»	»	.....	10 »	»
III	»	»	.....	11 »	»

Pridie	Idus	Ianuarii	.....	12 de	Janeiro
Idus		»	.....	13 »	»
XIX	Calendas	Februarii	.....	14 »	»
XVIII	»	»	.....	15 »	»
XVII	»	»	.....	16 »	»
XVI	»	»	.....	17 »	»
XV	»	»	.....	18 »	»
XIV	»	»	.....	19 »	»
XIII	»	»	.....	20 »	»
XII	»	»	.....	21 »	»
XI	»	»	.....	22 »	»
X	»	»	.....	23 »	»
IX	»	»	.....	24 »	»
VIII	»	»	.....	25 »	»
VII	»	»	.....	26 »	»
VI	»	»	.....	27 »	»
V	»	»	.....	28 »	»
IV	»	»	.....	29 »	»
III	»	»	.....	30 »	»
Pridie	»	»	.....	31 »	»
Calendæ		»	.....	1 »	Fevereiro
IV	Nonas	»	.....	2 »	»
III	»	»	.....	3 »	»
Pridie	»	»	.....	4 »	»
Nonæ		»	.....	5 »	»
VIII	Idus	»	.....	6 »	»
VII	»	»	.....	7 »	»
VI	»	»	.....	8 »	»
V	»	»	.....	9 »	»
IV	»	»	.....	10 »	»
III	»	»	.....	11 »	»
Pridie	»	»	.....	12 »	»
Idus		»	.....	13 »	»
XVI	Calendas	Martii	.....	14 »	»
XV	»	»	.....	15 »	»
XIV	»	»	.....	16 »	»
XIII	»	»	.....	17 »	»
XII	»	»	.....	18 »	»
XI	»	»	.....	19 »	»
X	»	»	.....	20 »	»

IX	Calendas	Martii	.....	21 de	Fevereiro
VIII	»	»	.....	22 »	»
VII	»	»	.....	23 »	»
VI	»	»	.....	24 »	»
V	»	»	.....	25 »	»
IV	»	»	.....	26 »	»
III	»	»	.....	27 »	»
Pridie	»	»	.....	28 »	»
Calendæ		»	.....	1 »	Março
VI	Nonas	»	.....	2 »	»
V	»	»	.....	3 »	»
IV	»	»	.....	4 »	»
III	»	»	.....	5 »	»
Pridie	»	»	.....	6 »	»
Nonæ		»	.....	7 »	»
VIII	Idus	»	.....	8 »	»
VII	»	»	.....	9 »	»
VI	»	»	.....	10 »	»
V	»	»	.....	11 »	»
IV	»	»	.....	12 »	»
III	»	»	.....	13 »	»
Pridie	»	»	.....	14 »	»
Idus		»	.....	15 »	»
XVII	Calendas	Aprilis	.....	16 »	»
XVI	»	»	.....	17 »	»
XV	»	»	.....	18 »	»
XIV	»	»	.....	19 »	»
XIII	»	»	.....	20 »	»
XII	»	»	.....	21 »	»
XI	»	»	.....	22 »	»
X	»	»	.....	23 »	»
IX	»	»	.....	24 »	»
VIII	»	»	.....	25 »	»
VII	»	»	.....	26 »	»
VI	»	»	.....	27 »	»
V	»	»	.....	28 »	»
IV	»	»	.....	29 »	»
III	»	»	.....	30 »	»
Pridie	»	»	.....	31 »	»
Calendæ		»	.....	1 »	Abril

IV	Nonas	Aprilis	.....	2 de	Abril
III	»	»	.....	3 »	»
Pridie	»	»	.....	4 »	»
Nonæ		»	.....	5 »	»
VIII	Idus	»	.....	6 »	»
VII	»	»	.....	7 »	»
VI	»	»	.....	8 »	»
V	»	»	.....	9 »	»
IV	»	»	.....	10 »	»
III	»	»	.....	11 »	»
Pridie	»	»	.....	12 »	»
Idus		»	.....	13 »	»
XVIII	Calendas	Maii	.....	14 »	»
XVII	»	»	.....	15 »	»
XVI	»	»	.....	16 »	»
XV	»	»	.....	17 »	»
XIV	»	»	.....	18 »	»
XIII	»	»	.....	19 »	»
XII	»	»	.....	20 »	»
XI	»	»	.....	21 »	»
X	»	»	.....	22 »	»
IX	»	»	.....	23 »	«
VIII	»	»	.....	24 »	»
VII	»	»	.....	25 »	»
VI	»	»	.....	26 »	»
V	»	»	.....	27 »	»
IV	»	»	.....	28 »	»
III	»	»	.....	29 »	»
Pridie	»	»	.....	30 »	»
Calendæ		»	.....	1 »	Maio
VI	Nonas	»	.....	2 »	»
V	»	»	.....	3 »	»
IV	»	»	.....	4 »	»
III	»	»	.....	5 »	»
Pridie	»	»	.....	6 »	»
Nonæ		»	.....	7 »	»
VIII	Idus	»	.....	8 »	»
VII	»	»	.....	9 »	»
VI	»	»	.....	10 »	»
V	»	»	.....	11 »	»

IV	Idus	Maii	.....	12 de	Maio
III	»	»	.....	13 »	»
Pridie	»	»	.....	14 »	»
Idus		»	.....	15 »	»
XVII	Calendas	Iunii	.....	16 »	»
XVI	»	»	.....	17 »	»
XV	»	»	.....	18 »	»
XIV	»	»	.....	19 »	»
XIII	»	»	.....	20 »	»
XII	»	»	.....	21 »	»
XI	»	»	.....	22 »	»
X	»	»	.....	23 »	»
IX	»	»	.....	24 »	»
VIII	»	»	.....	25 »	»
VII	»	»	.....	26 »	»
VI	»	»	.....	27 »	»
V	»	»	.....	28 »	»
IV	»	»	.....	29 »	»
III	»	»	.....	30 »	»
Pridie	»	»	.....	31 »	»
Calendæ		»	.....	1 »	Junho
IV	Nonas	»	.....	2 »	»
III	»	»	.....	3 »	»
Pridie	»	»	.....	4 »	»
Nonæ		»	.....	5 »	»
VIII	Idus	»	.....	6 »	»
VII	»	»	.....	7 »	»
VI	»	»	.....	8 »	»
V	»	»	.....	9 »	»
IV	»	»	.....	10 »	»
III	»	»	.....	11 »	»
Pridie	»	»	.....	12 »	»
Idus		»	.....	13 »	»
XVIII	Calendas	Julii	.....	14 »	»
XVII	»	»	.....	15 »	»
XVI	»	»	.....	16 »	»
XV	»	»	.....	17 »	»
XIV	»	»	.....	18 »	»
XIII	»	»	.....	19 »	»
XII	»	»	.....	20 »	»

XI	Calendas	Julii	.....	21 de	Junho
X	»	»	.....	22 »	»
IX	»	»	.....	23 »	»
VIII	»	»	.....	24 »	»
VII	»	»	.....	25 »	»
VI	»	»	.....	26 »	»
V	»	»	.....	27 »	»
IV	»	»	.....	28 »	»
III	»	»	.....	29 »	»
Pridie	»	»	.....	30 »	»
Calendæ		»	.....	1 »	Julho
VI	Nonas	»	.....	2 »	»
V	»	»	.....	3 »	»
IV	»	»	.....	4 »	»
III	»	»	.....	5 »	»
Pridie	»	»	.....	6 »	»
Nonæ		»	.....	7 »	»
VIII	Idus	»	.....	8 »	»
VII	»	»	.....	9 »	»
VI	»	»	.....	10 »	»
V	»	»	.....	11 »	»
IV	»	»	.....	12 »	»
III	»	»	.....	13 »	»
Pridie	»	»	.....	14 »	»
Idus		»	.....	15 »	»
XVII	Calendas	Augusti	.....	16 »	»
XVI	»	»	.....	17 »	»
XV	»	»	.....	18 »	»
XIV	»	»	.....	19 »	»
XIII	»	»	.....	20 »	»
XII	»	»	.....	21 »	»
XI	»	»	.....	22 »	»
X	»	»	.....	23 »	»
IX	»	»	.....	24 »	»
VIII	»	»	.....	25 »	»
VII	»	»	.....	26 »	»
VI	»	»	.....	27 »	»
V	»	»	.....	28 »	»
IV	»	»	.....	29 »	»
III	»	»	.....	30 »	»

Pridie	Calendas	Augusti	.....	31 de	Julho
Calendæ		»	.....	1 »	Agosto
IV	Nonas	»	.....	2 »	»
III	»	»	.....	3 »	»
Pridie	»	»	.....	4 »	»
Nonæ		»	.....	5 »	»
VIII	Idus	»	.....	6 »	»
VII	»	»	.....	7 »	»
VI	»	»	.....	8 »	»
V	»	»	.....	9 »	»
IV	»	»	.....	10 »	»
III	»	»	.....	11 »	»
Pridie	»	»	.....	12 »	»
Idus		»	.....	13 »	»
XIX	Calendas	Septembris	.....	14 »	»
XVIII	»	»	.....	15 »	»
XVII	»	»	.....	16 »	»
XVI	»	»	.....	17 »	»
XV	»	»	.....	18 »	»
XIV	»	»	.....	19 »	»
XIII	»	»	.....	20 »	»
XII	»	»	.....	21 »	»
XI	»	»	.....	22 »	»
X	»	»	.....	23 »	»
IX	»	»	.....	24 »	»
VIII	»	»	.....	25 »	»
VII	»	»	.....	26 »	»
VI	»	»	.....	27 »	»
V	»	»	.....	28 »	»
IV	»	»	.....	29 »	»
III	»	»	.....	30 »	»
Pridie	»	»	.....	31 »	»
Calendæ		»	.....	1 »	Setembro
IV	Nonas	»	.....	2 »	»
III	»	»	.....	3 »	»
Pridie	»	»	.....	4 »	»
Nonæ		»	.....	5 »	»
VIII	Idus	»	.....	6 »	»
VII	»	»	.....	7 »	»
VI	»	»	.....	8 »	»

V	Idus	Septembris	.....	9 de	Setembro
IV	»	»	.....	10 »	»
III	»	»	.....	11 »	»
Pridie	»	»	.....	12 »	»
Idus		»	.....	13 »	»
XVIII	Calendas	Octobris	.....	14 »	»
XVII	»	»	.....	15 »	»
XVI	»	»	.....	16 »	»
XV	»	»	.....	17 »	»
XIV	»	»	.....	18 »	»
XIII	»	»	.....	19 »	»
XII	»	»	.....	20 »	»
XI	»	»	.....	21 »	»
X	»	»	.....	22 »	»
IX	»	»	.....	23 »	»
VIII	»	»	.....	24 »	»
VII	»	»	.....	25 »	»
VI	»	»	.....	26 »	»
V	»	»	.....	27 »	»
IV	»	»	.....	28 »	»
III	»	»	.....	29 »	»
Pridie	»	»	.....	30 »	»
Calendæ		»	.....	1 »	Outubro
VI	Nonas	»	.....	2 »	»
V	»	»	.....	3 »	»
IV	»	»	.....	4 »	»
III	»	»	.....	5 »	»
Pridie	»	»	.....	6 »	»
Nonæ		»	.....	7 »	»
VIII	Idus	»	.....	8 »	»
VII	»	»	.....	9 »	»
VI	»	»	.....	10 »	»
V	»	»	.....	11 »	»
IV	»	»	.....	12 »	»
III	»	»	.....	3 »	»
Pridie	»	»	.....	14 »	»
Idus	»	»	.....	15 »	»
XVII	Calendas	Novembris	.....	16 »	»
XVI	»	»	.....	17 »	»
XV	»	»	.....	18 »	»

XIV	Calendas Novembris	.....	19 de	Outubro
XIII	» »	.....	20 »	»
XII	» »	.....	21 »	»
XI	» »	.....	22 »	»
X	» »	.....	23 »	»
IX	» »	.....	24 »	»
VIII	» »	.....	25 »	»
VII	» »	.....	26 »	»
VI	» »	.....	27 »	»
V	» »	.....	28 »	»
IV	» »	.....	29 »	»
III	» »	.....	30 »	»
Pridie	» »	.....	31 »	»
Calendæ	» »	.....	1 »	Novembro
IV	Nonas »	.....	2 »	»
III	» »	.....	3 »	»
Pridie	» »	.....	4 »	»
Nonæ	»	.....	5 »	»
VIII	Idus »	.....	6 »	»
VII	» »	.....	7 »	»
VI	» »	.....	8 »	»
V	» »	.....	9 »	»
IV	» »	.....	10 »	»
III	» »	.....	11 »	»
Pridie	» »	.....	12 »	»
Idus	» »	.....	13 »	»
XVIII	Calendas Decembris	.....	14 »	»
XVII	» »	.....	15 »	»
XVI	» »	.....	16 »	»
XV	» »	.....	17 »	»
XIV	» »	.....	18 »	»
XIII	» »	.....	19 »	»
XII	» »	.....	20 »	»
XI	» »	.....	21 »	»
X	» »	.....	22 »	»
IX	» »	.....	23 »	»
VIII	» »	.....	24 »	»
VII	» »	.....	25 »	»
VI	» »	.....	26 »	»
V	» »	.....	27 »	»

IV	Calendas Decembris	.....	28 de	Novembro
III	» »	.....	29 »	»
Pridie	» »	.....	30 »	»
Calendæ	»	.....	1 »	Dezembro
IV	Nonas »	.....	2 »	»
III	» »	.....	3 »	»
Pridie	» »	.....	4 »	»
Nonæ	»	.....	5 »	»
VIII	Idus »	.....	6 »	»
VII	» »	.....	7 »	»
VI	» »	.....	8 »	»
V	» »	.....	9 »	»
IV	» »	.....	10 »	»
III	» »	.....	11 »	»
Pridie	» »	.....	12 »	»
Idus	» »	.....	13 »	»

Posteriormente à mencionada determinação do Rei D. João I, encontra-se com freqüência a simples indicação de *era* (Ë, Ē, etc.) referida, é claro, à era de Cristo.

Nos séculos XIV e XV a centúria é indicada não só por CCC ou CCCC, como por III^{c} ou IIII^{c}, ou ainda por III ou IIII.

No século XVI é também vulgar encontrarmo-la indicada por V^{c}, por B^{c}, ou mais vulgarmente ainda, por um simples B.

Nas primeiras inscrições dêsse século ela é, por vezes, indicada por CCCCC, forma vinda do século anterior (*Exemplo:* MIL CCCCC III [3]); depois empregava-se, pode dizer-se que indistintamente, o B, o S, ou o algarismo 5 (*Exemplos:* 1B17 [4], 1S23 [5],

[3] J. M. Cordeiro de Sousa, *Uma campa de azulejos.*
[4] Idem, *Inscr. port. do Museu do Carmo.*
[5] Idem, *Inscr. sepulc. da Sé de Lisboa.*

15Z4 [6]), se não se escrevia por extenso (*Exemplo:* MIL E QINHẼTOS E XXI [7]).

Para o fim do século, por influência do Renascimento, escrevia-se, muitas vezes, a data à romana.

«São raros os exemplos do uso do algarismo arábico entre nós até o século XV» [8].

Em algumas inscrições anteriores ao século XII, e ainda excepcionalmente nesse século, a data aparece indicada por uma forma de não fácil interpretação, a que J. P. Ribeiro [9] dá o nome de *caprichosa*, como a que se encontra na inscrição referente à tomada de Lisboa, existente na galileia da Sé [10], que diz:

TUNC ANNI DOMINI CUM CENTUM MILLE NOTANTUR
CUNQUE QUATER DENIS QUATUOR ATQUE TRIBUS
CUM PER CHRISTICOLAS EST URBS ULIXBONA CAPTA
.....

isto é: ...quando se contam mil e cem com mais quatro vezes dez, quatro e três, etc., ou como uma inscrição mozárabe que nos refere Gómez-Moreno [11], existente em San Martin de Castañeda, em Leão, onde a era 959 está indicada pela seguinte forma:

ERA NOBI(ES) ET S(EMIS) CENTENA NONA

---

[6] Tôrres Vedras, igreja de S. Pedro.

[7] J. M. Cordeiro de Sousa, *Inscr. port. do Museu do Carmo.*

[8] J. P. Ribeiro, *Diss. chronol.* Vol. II, pág. 124.

[9] Ob. cit. Vol. II, pág. 115.

[10] Vide J. M. Cordeiro de Sousa, *A inscrição da tomada de Lisboa na Sé Catedral,* in «O Arqueól Port.», vol. XXVIII.

[11] *Iglesias mozárabes,* etc., pág. 169, est. LVI.

Outra forma ainda foi usada entre nós nos séculos XIV e XV, indicando os dias *andados* e *por andar,* tomando-se por referência o meado e o fim de cada mês.

Assim, para os positivos, os 2.º, 3.º, 4.º, 5.º dias, etc., eram dois, três, quatro, cinco, etc., *dias andados,* pois se contava o que estava decorrendo [12]; para os negativos, nos meses de 30 dias no 27.º, por exemplo, e pela mesma razão, dizia-se *quatro dias por andar,* mas a mesma data nos meses de 31 dizia-se *cinco dias por andar.*

Um exemplo desta forma de expressar a data encontra-se na crasta da Sé de Lisboa, na inscrição sepulcral de Pero Martins da Alfama [13].

No século XVIII o *M* é por vezes substituído por CIↃ e o *D* por IↃ [14].

---

[12] J. P. Ribeiro, ob. cit., tomo II, cap. XIII, pág. 59.

[13] Castilho, *Lisboa Ant.,* vol. VI, cap. X, pág. 68, 2.ª ed. e J. M. Cordeiro de Sousa, *Inscr. sepulcr. da Sé de Lisboa,* VIII, pág. 19, 2.ª ed.

[14] Ex.: Lisboa, Santo António da Sé.

III

Dos pontos de separação

Nota-se que, quási sempre, entre cada palavra de uma inscrição existem uns pontos, três (⁝), dois (:) ou um (·), conforme os seus caracteres são unciais, góticos ou latinos. Isto sem ~~um grande~~ rigor, é claro.

Êsses pontos, que dão à escrita lapidar uma certa beleza, tinham apenas por fim tornar mais nítida a separação das palavras.

Algumas vezes a sua forma circular é substituída por pequenos losangos, outras vezes em lugar dos dois pontos encontra-se uma linha como que formando um *S* muito aberto, mais ou menos ornamentado, e que será, porventura, uma reminiscência das *hederae distinguentes* das inscrições romanas.

Em regra, quando era um só ponto, colocava-se no centro da linha.

Nalgumas inscrições, o princípio, e às vezes também o fim, é marcado por cinco pontos em cruz.

IV

Dos sinais

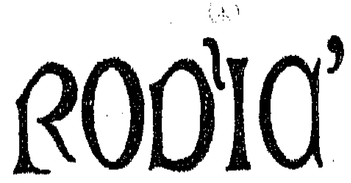
É freqüente encontrarmos sôbre certas abreviaturas um pequeno traço horizontal, traço que por vezes se parte, ficando os dois fragmentos unidos por um pequeno arco de círculo, e que outras vezes, principalmente sôbre abreviaturas formadas por caracteres unciais, nos aparece com a forma de dois crescentes ligados com as pontas para cima, etc. Cada um dêstes sinais indica que da palavra foram suprimidas algumas letras.

Tempo Deus Março

Êste segundo sinal substitui muitas vezes o *r* final.

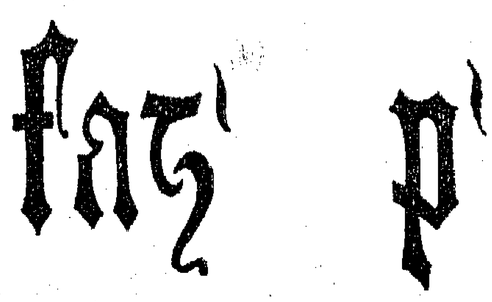
Senhor

O som de *us*, no fim da palavra, é freqüentemente representado por um sinal semelhante a uma apóstrofe e que, em rigor, é apenas um vestígio dessas duas letras escritas em expoente.



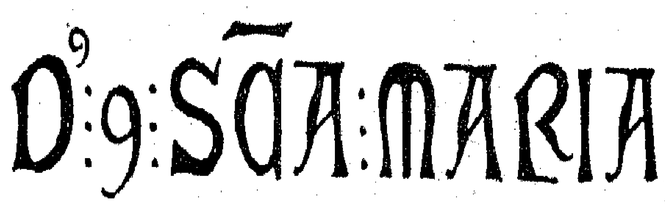
Rodericus

Êste *til*, colocado verticalmente, toma o som de *er*, *or*.



Fazer por

Aquele sinal, colocado como uma grande vírgula, representa a conjunção *e*.



Deus e Santa Maria

E, quando em ponto maior, lembrando o algarismo 9, substitui a sílaba *con*.

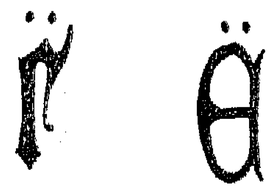
Conde

Um traço cortando uma letra pelo terço superior indica que se lhe seguem as letras *re*; se a corta pelo terço inferior corresponde às letras *er*.

Gregório

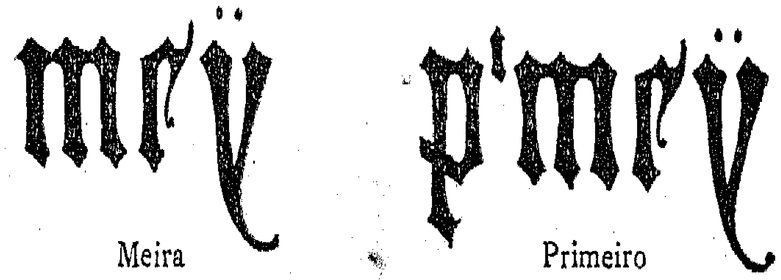
Serviço

Dois pontos sôbre uma letra, como em alguns casos um *til*, substituem as letras *ra*, *ar* ou *ro*.



Era Era

Martim



Meira Primeiro

A vogal, escrita em expoente, é como se estivesse ligada a um *r*.

Há, pois, como acabamos de ver, alguns sinais de abreviatura com significação própria, como por exemplo: 9=com, con; '=is, os, us; &=e, et; e outros que neste trabalho se encontram.

Há também sinais que, ligados a certas letras, lhes alteram ou aumentam o valor, como também vimos,

por exemplo, no traço que corta o *S* inicial da palavra *serviço* [1], etc., e outros, como o pequeno traço curvo ou *aspa*, ligado a uma das hastes, superior ou inferior, do lado direito de um X, que por isso toma o nome de *aspado*, e que representa «a conjunção das duas letras numerais XL» [2], dando-lhe o valor de quarenta [3].

[1] Ex.: Campa na Sé de Lisboa.

[2] Vasconcelos, *A Sé Velha de Coimbra*.

[3] Mário Cardoso, *Catálogo do Museu da Soc. Martins Sarmento*, n.º 184, pág. 109. — Vide fotogravura no fim dêstes *Apontamentos*.

V

Das abreviaturas

O estudo das abreviaturas merece uma cuidadosa atenção, pelo auxílio que o seu indispensável conhecimento nos presta na decifração de qualquer texto epigráfico.

Sôbre a sua origem creio que têm fantasiado um pouco os que pretendem filiá-las nas notas de Tirão, ou até nas siglas dos canteiros medievais. Elas devem ser quási tão antigas como os primeiros alfabetos e o seu emprêgo originou-o simplesmente a necessidade de inscrever um texto, mais ou menos longo, num espaço limitado.

Os romanos usaram-nas, como outros povos anteriormente as haviam usado. Nas velhas inscrições aramaicas, assírias, púnicas, etc., encontram-se já abreviaturas [1].

A abreviatura reduzia o espaço da inscrição mas torna-a, para nós, mais confusa, principalmente quando, passados séculos e corroída a pedra em que foi escrita, pela acção do tempo, ou gasta, como a dos pavimentos das igrejas e crastas, pela passagem das gerações que se sucederam; constitue uma das maiores

---

[1] *The Jewish Encyclopedia*, tomo I, pág. 40.

dificuldades para os que hoje se dedicam ao labor ingrato de decifrar êsses enigmáticos grupos de caracteres, aparentemente mudos, ou interpretar-lhes o imperceptível sinal que outrora os completava e lhes dava som [2].

Em geral a nossa abreviatura, embora não possamos considerá-la sujeita a regras mais ou menos fixas, como a romana, formava-se:

a) — Pela primeira letra da palavra, e então chamava-se *sigla* [3]

Ano

b) — Pela primeira letra com a última em expoente

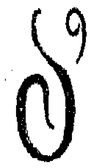
Mestre

---

[2] J. M. Cordeiro de Sousa, *Algumas siglas e abrev. usadas nas inscr. port. desde o fim do séc. XII até o princ. do séc. XIX.*

[3] «Les sigles, dans la rigueur du mot et selon la plus commune etymologie (singulæ litteræ), sont des lettres uniques isolées, dont l'emploi est de representer en abrégé les mots dont elles sont les initiales» — Chassant, *Diction. des abrev. lat. et franç.*, etc.

c) — Pela primeira letra com o sinal representativo da última sílaba



Deus

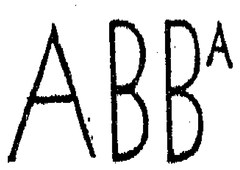
Era

d) — Pela primeira e última letras com o sinal da supressão das intermédias

Deus

Qual

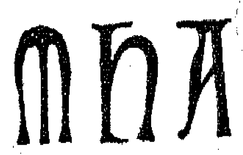
e) — Pelas primeiras letras da palavra e última em expoente



Abadessa

Agosto

f) — Pela primeira e últimas letras



Minha

g) — Pela primeira e última sílabas da palavra

Fazer

h) — Pela primeira e última sílaba e primeira letra de cada sílaba intermédia

Arcebispo

i) — Pela primeira e última sílaba com o sinal de supressão das intermédias

Domini

*

Com as siglas e abreviaturas que tenho encontrado e mais vulgarmente foram usadas nas nossas inscrições, desde o fim do século XII até o princípio do século XIX, organizei a seguinte tábua alfabética [4], a que julguei conveniente juntar, além do seu significado, não só a indicação do século em que mais se encontra como a de um local onde existe qualquer inscrição, onde cada uma pode ser encontrada, o que lhes comprovará a autenticidade.

*

É evidente que não tive a pretensão de fazer um Lexicon Abbreviaturarum, ou sequer um modesto glossário em que figure a maioria das abreviaturas usadas, em séculos passados, nas inscrições lapidares portuguesas. Nestas poucas fôlhas reüno apenas as que fui encontrando, e algumas extraídas de trabalhos alheios, de cuja exactidão julgo não dever duvidar.

---

[4] Já publicada com o título de *Algumas siglas e abrev. usadas nas inscr. port. desde o fim do séc. XII até o princípio do séc. XIX.*

É claro que considero como abreviaturas tôdas as palavras que, em geral, não eram escritas por extenso, sem a preocupação, desnecessária neste caso, de as agrupar ou classificar.

A

A — Ano — s. XVI. *Tomar, N. S. da Conceição.*

A (com um pequeno traço cortando uma das hastes) Afonso (?) — s. XV. *Inscrição do Zaire.*

A — Ar... — s. XIV. *Museu do Carmo.*

Aº — Afonso — s. XIV. *Id.*

Aº — Afonso — s. XIV. *Id.*

Aˢ — Anos — s. XVI. *Leça do Bailio.*

Aᵀᵒ — António — *Lisboa.*

AB — Abril — s. XVII. *Museu do Carmo.*

ABBᴬ — Abadessa — s. XVII. *Lisboa, Sant'Ana.*

ABBA — Abadessa — s. XVI. *Odivelas.*

ABBÃ — Abadessa.

ACBPO — Arcebispo.

ACEBPO — Arcebispo — s. XIV. *Museu do Carmo.*

ADS — A Deus — s. XV. *Id.*

AFNº — Afonso — s. XV. *Figueiró, S. João.*

AGº — Agôsto — s. XVIII. *Museu do Carmo.*

AGTI' — Augustius — s. XIV. *Sé de Lisboa.*

AIA — Anima — s. XII. *Museu do Carmo.*

ALBERGᴿᴬ — Albergaria — s. XVII. *Cruz.º de Albergaria-a-Velha.*

ALEXᴱ — Alexandre — s. XVI. *Amieira.*

ALGᴱ — Algarve — s. XVII. *Arrifana.*

ALGÕA — Alguma — s. XVI. *Sintra, S.ta Maria.*

ALMᴰᴬ — Almeida — s. XIX. *Leça do Bailio.*

ALMOXᴱ — Almoxarife — *Tomar, Cristo.*

ALVº — Alvaro — s. XVI. *Id.*

ALXᵉ — Aleixo — s. XVII. (?) *Sé de Lisboa.*

ALZ — Alvares — s. XVII. *Sagres, Cap.ª da Praça.*

AM — A madre — s. XIX. *Museu do Carmo.*

Amen — s. XIII. *Santarém, Alcáçova.*

AM — Amen — s. XII. *Tomar, S.ta M.ª Olival.*

AM — Amen — s. XIII. *Tomar, Cristo.*

AN — Ano — s. XVIII. *Senhor Roubado.*

ANˢ — Anos — s. XV. *Ericeira, Fonte do Cabo.*

ANᵀᴬ — Antónia — s. XVIII. *Museu do Carmo.*

ANᵀᵒ — António — s. XVII-XVIII. *Id.*

ANGEᴬ — Angela — s. XVII. *Tomar.*

ANIÕSAYROS — Aniversários — s. XIV. *Sé de Lisboa.*

ANIVERS — Aniversário — s. XVI. *Id.*

ANS — Anes — s. XIV. *Id.*

ANTº — António — s. XVI. *Sintra, S.ta Maria.*

APLOS — Apóstolos — s. XV. *Museu do Carmo.*

APOST — Apostólico — s. XVII. *Varatojo.*

APPLI — Apostoli — s. XIV. *Odirelas.*

AQ — Aqui — s. XIV. *Sé de Lisboa.*

AQⁱ — Aqui — s. XIV. *Museu do Carmo.*

ARCBPº — Arcebispo — s. XVIII. *Sé de Braga.*

ARCBPÕ — Arcebispo — s. XV. *Museu do Carmo.*

ARCEBPO — Arcebispo — s. XVI. *Sé de Évora.*

ARTᴬ — Artilharia — s. XIX. *Bussaco.*

ASVP — Assunção — s. XVI. *Sé de Lisboa.*

ATº — António — s. XVI. *Tomar, S.ta M.ª Olival.*

ATO — António — s. XVI. (?) *Castanheira.*

AVGº — Augusto — s. XVII. *Xabregas.*

AVT — Autem — s. XII. *Almourol.*

B

B — Beato — s. XVII. *Museu do Carmo.*

5 — s. XVI.

Bᶜ — 500 — s. XVI.

Bº — Bento — s. XIV. *Museu do Carmo.*

BALº — Bailio — s. XIX. *Leça do Bailio.*

BAP^A Baptista — s. XVII. *Lisboa, S. Vicente.*
BAR^MEO Bartolomeu — s. XVII. *Apelação, Q.^ta S.^to Amaro.*
BAR^TO Barreto — s. XVII. *Sagres, Cap.^a da Praça.*
BI 6 — s. XVI. *Tôrres Vedras (N. S. Ameal).*
BJ̃ Seiscentos — s. XV. *Museu S. Geografia Lisboa.*
BN^DO Beneficiado — s. XVII-XVIII. *Lisboa, Páteo D. Fradique.*
BN^DOS Beneficiados — s. XVIII-XVIII. *Coimbra, S. Justa.*
BND^O Beneficiado — s. XVII. *Alvôr.*
BP^O Bispo — s. XVI. *Sé de Évora.*
BP̄O Bispo — s. XVI. *Sé de Lisboa.*
BR^DO Bernardo — s. XVII. *Tomar, N. S. Piedade.*
BRAGÇ^A Bragança — s. XVII. *Évora, Loios.*
BTIAM Bastião — s. XVI. *Tomar, Sta M.ª Olival.*

C

C^A Catarina — s. XVI. *Sintra.*
Centésima — s. XIII. *Museu do Carmo.*
C^AC Ducentésima — s. XIII. *Idem.*
C^AN Catarina — s. XVII. *Lisboa, Graça.*
C^DE Conde — s. XVI. *Tomar.*
C^O Conselho — s. XVII. *Lisboa, S. Domingos.*
C^RAÇÃ Criação — s. XV. *Museu S. Geografia Lisboa.*
C'ADO Criado — s. XIV.
CABB^O Cabido — s. XVII. *Sé de Lisboa.*
CABD^O Cabido — s. XVI. *Idem.*
CADR^A Cadeira — s. XVII (?). *Taboado.*
CAMAR^O Camareiro — s. XVI. *Ouguela.*
CAMR^A Câmara — s. XVIII. *Moçambique, Câmara Municipal.*
CAÕIC' Canonicus — s. XIV. *Sé de Lisboa.*
CAP Capela — s. XVI. *Idem.*
CAP^A Capela — s. XVII. *Braga, Salvador.*
CAPLŌS Capítulos — s. XVI. *Palmela.*
CAPP^AM Capitão — s. XVII. *Setúbal, Bomfim.*
CAL^L Cardial — s. XVI. *Sé de Évora.*

CARID^E Caridade s XVIII. *Lumiar, Alameda.*
CARV^O Carvalho — s. XVIII. *Lisboa, Jesus.*
CAUALR^O Cavaleiro — s. XVI. *Sé de Lisboa.*
CAV^O Cavaleiro — s. XVII. *Sagres, Cap. da Praça.*
CAVAL^RO Cavaleiro — s. XV. *Tomar, Sta M.ª Olival.*
CAVLR^O Cavaleiro — s. XVII. *Sagres, Cap. da Praça.*
C̄C̄C̄ Tricentésima — s. XIV. *Sé de Lisboa.*
C̃C̃C̃ Trezentos — s. XIV. *Idem.*
CCC^A Tricentésima — s. XIV. *Odivelas.*
CCCC^TOS Quatrocentos — s. XV. *Valadares.*
CHANT̃ Chantre — s. XVI. *Sé de Lisboa.*
CID^E Cidade — s. XVII. *Braga, S. Marcos.*
CL Calendas — s. XII. *Museu do Carmo.*
CN^A Catarina — s. XVII. *Odivelas.*
CŌFR^A Confraria — s. XVI. *Tomar.*
COL^O Colégio — s. XVII. *Moçambique, S. Fr.^co X.^er.*
COLG^O Colégio — s. XVII. *Id. S. Sebastião.*
COM^OR Comendador — s. XVII. *Apelação, Q.^ta S.^to Amaro.*
COMEN̄^DOR Comendador — s. XIX. *Leça do Bailio.*
COMP^A Companhia — s. XVII. *Moçambique, S. F.^co X.^er.*
CON^CO Conselho — s. XIX. *Leça do Bailio.*
CON^TO Convento — s. XVII. *Tomar, Cristo.*
CONC^ÃO Conceição — s. XIX. *Museu do Carmo.*
CONSELHR Conselheiro — s. XVII. *Lisboa, S. Vicente.*
CONU^TO Convento — s. XVIII. *Museu do Carmo.*
CONV^TI Conventi — s. XVII. *Idem.*
GOP^A Companhia — s. XVII. *Moçambique, S. Fr.^co X.^er.*
COR^EL Coronel — s. XIX. *Buçaco, Encarnadouro.*
COR^TA Cortina — s. XVIII. *Sé de Coimbra.*
CŌSTRVX Construxit — s. XII. *Almourol.*
CR Casa Real — s. XVIII. *Lisboa, Jesus.*
CRVZ^RO Cruzeiro — s. XVII. *Lumiar.*
CV̄ Cum — s. XIII. *Tomar, Cristo.*
CV (Pequeno traço cortando uma das hastes do v) Cum — s. XII *Almourol.*
CVI' Cujus — s. XII. *Museu do Carmo.*
CV̄Q Cumque — s. XII. *Almourol.*

D

D	De — s. XIV. *Sé de Lisboa.*
	Dom — s. XVII. *Museu do Carmo.*
	Doutor — s. XVII. *Lisboa, S. Vicente.*
D̄	De — s. XIV. *Museu do Carmo.*
	Do — s. XIV. *Id.*
D̃	Da — s. XIV. *Tomar, Cristo.*
	De — s. XIV.
D'	Deus — s. XIV. *Museu do Carmo.*
DA	Dia — s. XV. *Tomar, S. Ma Olival.*
DE	Duque — s. XVI. *Sintra.*
Do	Diogo — s. XIV. *Obidos, Castelo.*
Do	Diogo — s. XV. *Inscrição do Zaire.*
Ds GDE	Deus Guarde — s. XVII. *S. Julião.*
D. GDE	Deus Guarde — s. XVII. *S. Julião.*
DTA	Dita — *Figueiró, Carmo.*
DCTA	Dita — s. XIV. *Sé de Lisboa.*
DCTO	Dito — s. XIV. *Id.*
DEDA	Dedicada — s. XVII.
DEFOS	Defuntos — s. XVI. *Amieira.*
DEIXAO	Deixaram — s. XVI. *Amieira.*
DESCENDES	Descendentes — s. XVII. *Lisboa, S. Vicente.*
DESPDAR	De espaldar — s. XVII (?). *Tabuado.*
DEZOR	Desembargador — s. XVII. *Lisboa, S. Vicente.*
DEZRO	Dezembro — s. XVI. *Castanheira.*
DEZBRO	Dezembro — s. XVIII. *Museu do Carmo.*
DEZBRO	Dezembro — s. XVII. *Sagres, Cap.a Praça.*
DIo	Diogo — s. XVI. *Castelo da Feira.*
DIS	515 — s. XVI. *Museu do Carmo.*
DN	Divino — s. XVII. *Tomar, Cristo.*
DN̄	Domino — s. XIV. *Sé de Lisboa.*
DN̄A	Domina — s. XIV. *Odivelas.*
DN̄I	Domini — s. XII. *Almourol.*
DN̄S	Deus Nosso Senhor — s. XIV. *Sé de Lisboa.*
DŌ	Dom — s. XVI. *Id.*
DÕ	Deo — s. XIV. *Id.*

DO'	Dois — s. XIV. *Museu do Carmo.*
DOA	Dona — s. XV. *Tomar, S.ta M.a Olival.*
DOs	Dois — s. XIV. *Sé de Lisboa.*
DÕIZ	Domingues — s. XVI. *Id.*
DOM	Domingo — s. XVII. *Apelação, Q.ta S.to Amaro.*
DOM'	Domus — s. XII. *Almourol.*
DŌN'	Domnus — s. XIII (?). *Sé de Lisboa.*
DŪNI	Domini — s. XIV. *Odivelas.*
DOS	Domingos — s. XVII. *Museu do Carmo.*
DŌS	Domingos — s. XIV. *Id.*
DŌZ	Domingues — s. XIV. *Óbidos, castelo.*
DR̄	Dicitur — s. XIV (?). *Tomar.*
D̄S	Deus — s. XV. *Museu do Carmo.*
DT̄A	Dita — s. XIV. *Sé de Lisboa.*
DTO	Dito — s. XV. *Museu do Carmo.*
DT̄O	Dito — s. XIV. *S.ta Comba.*
DUCQ̄	Duque — s. XV. *Museu do Carmo.*
DV̄	Duque — s. XV. *Id.*
DVX	Duxit — s. XII. *Almourol.*
DZo	Dezembro — s. XVII. *Castanheira.*

E

E	Era — s. XII-XIII. *Museu do Carmo.*
Ē	Era — s. XV. *Sé de Lisboa.*
Ē	Em — s. XIV. *Museu do Carmo.*
	Est. — s. XII. *Almourol.*
Ẽ	Em — s. XIV. *Sé de Lisboa.*
Ẽ	Era — s. XIV. *Sé de Lisboa.*
EA	Era — s. XIII. *Museu do Carmo.*
EDE	Idade — s. XVIII. *Sé de Coimbra.*
EAÑS	Eanes — s. XVI. *Sé de Lisboa.*
ECLE	Eclesia — s. XII. *Bravães.*
ECCL	Eclesia — s. XIII. *S. Claudio.*
ECCLE	Eclesia — s. XII. *Museu do Carmo.*
EGEIA	Igreja — s. XVI. *Sé de Braga.*
EGIA	Igreja — s. XVI. *Braga, S. Bartolomeu.*

EIGĪ — Igreja — s. XIV. *S.ta Comba.*
EIGIA — Igreja — s. XIV. *Id.*
EIGĨA — Igreja — s. XIV. *Id.*
ELLTO — Eleito — s. XIV — *Sé de Évora.*
EMBAXOR — Embaixador — s. XVI. *Palmela.*
ER — Era — s. XIII. *Museu do Carmo.*
ERDOS — Herdeiros — s. XVII. *Vila Rial.*
ERDROS — Herdeiros — s. XVII. *Lisboa, Monte.*
ESCUDO — Escudeiro — s. XV. *Museu S. Geografia Lisboa*
ESPTO — Espírito — s. XVIII. *Museu do Carmo.*
ESPUÃ — Escrivão — s. XVI. *Sé de Lisboa.*
ESTO — Estado — s. XVIII. *Moçambique, Misericórdia.*
EV̄ — Eum — s. XII. *Almourol.*
EV (com um pequeno traço cortando uma das hastes do *v*) Eum — s. XIV. *Tomar.*
EXA — Excelência — s. XVIII.
EXO — Excelentíssimo — s. XVII. *Museu do Carmo.*
EXMO — Excelentíssimo — s. XIX. *Leça do Bailio.*
EXCOAM — Excomunhão — s. XVII (?). *Taboado.*

F

F — Faleceu — s. XIX. *Museu do Carmo.*
FA — Filha — s. XV. *Figueiró, S. João.*
F° — Fernando — s. XVI. *Tomar, Cristo.*
FO — Filho — s. XVI. *Campo Maior.*
FOS — Filhos — s. XVII. *Tomar, Cristo.*
FR — Frei — s. XIX. *Leça do Bailio.*
FACO — Faleceu — s. XVIII. *Moçambique, Misericórdia.*
FADA — Fazenda — s. XVII. *Cascais, Cidadela.*
FAL — Faleceu — s. XIX. *Varatojo.*
FALCO — Faleceu — s. XVI. *Sintra, S.ta Maria.*
FALO — Faleceu — s. XVIII. *Lisboa, Jesus.*
FALECO — Faleceu — s. XVIII. *Tomar, Anunciada Nova.*
FALECIMTO — Falecimento — s. XV. *S.ta M.a Olival.*
FAS — Fazer — s. XVI. *Braga, S. João do Souto.*
FAZ — Fazer — s. XVI. *Id. S. Gonçalo.*

FĀZ — Fazer — s. XIV. *Sé de Lisboa.*
FAZ̃ — Fazer — s. XIV. *Id.*
FELCNA — Feliciana — s. XVII. *Odivelas.*
FENĀ — Fernão — s. XV-XVI. *Sé de Lisboa.*
FERA — Ferreira — s. XVI. *Castanheira.*
FEURO — Fevereiro — s. VVIII. *Museu do Carmo.*
FEVRO — Fevereiro — s. XVII. *Odivelas.*
FEVRO — Fevereiro — s. XV. *Museu do Carmo.*
FIO — Filho — s. XV. *Tomar, Pegões.*
FIDO — Fidalgo — s. XVIII. *Lisboa, Jesus.*
FLCO — Faleceu — s. XVII. *Odivelas.*
FORTA — Fortaleza — s. XVII.
FORTZA — Fortaleza — s. XVII. *Moçambique, S. Sebastião.*
FR — Frei — s. XVII. *Leça do Bailio.*
FRA — Francisca — s. XVI. *Tomar, S.ta M.a Olival.*
Freira — s. XVI. *Castelo da Feira.*
FRCA — Francisca — s. XVI. *Castanheira.*
FRCO — Francisco — s. XVIII. *Figueiró, Carmo.*
FRANCA — Francisca — s. XIX. *Museu do Carmo.*
FRANCO — Francisco — s. XVII. *Lisboa, S. Vicente.*
FRANCO — Francisco — s. XIX.
FRCO — Francisco — s. XVI. *Castanheira.*
FRZ — Fernandes — s. XVII. *Museu do Carmo.*
FR̄Z — Fernandes — s. XVII. *Sé de Braga.*
FS — Fez — s. XVII. *Braga, Salvador.*
FVRO — Fevereiro — s. XVIII. *Museu do Carmo.*
FZER — Fazer — s. XVII. *Moçambique, S. Sebastião.*

G

GA — Geral — s. XVII. *Museu do Carmo.*
GAL — Geral — s. XVII. *Setúbal, Bomfim.*
GAR — Gaspar — s. XVII. *Alvôr, Matriz.*
GNAL — General — s. XIX. *Leça do Bailio.*
G° — Gonçalo — s. XIV. *Lisboa, Carmo.*
GO — Gonçalo — s. XIV. *Idem.*

G° (traço cortando a parte superior do *G*) Gregório — s. XIV. *Lisboa, Carmo.*

G^OR — Governador — s. XVII. *Sagres, Cap.ª da Praça.*

GCIA — Garcia — s. XIV. *Guimarães, Colegiada.*

GE^A — Guerra — s. XVI. *Sé de Lisboa.*

GE^AL — General — s. XVIII. *Madeira, Machico.*

GẼL — General — s. XVII. *Sagres, Cap.ª da Praça.*

GLĪA — Glória — s. XIV. *Sé de Évora.*

GLLZ̄ — Gonçalves — s. XV. *Tomar, Pegões.*

GLZ — Gonçalves — s. XIV. *Evora, S. Francisco.*

GL̄Z — Gonçalves — s. XIV. *Sé de Évora.*

GLZ̄ — Gonçalves — s. XVII. *Tomar, Anunciada Nova.*

GN^AL — General — s. XVIII. *Funchal.*

GOV̄^OR — Governador — s. XVII. *Moçambique, S. Sebastião.*

GR^DE — Grande — s. XVII. *Odivelas.*

GR^DES — Grandes — s. XVII. *Idem.*

GRACI^A — Graciana — s. XVIII. *Museu do Carmo.*

G̃VAS — Gervásio — s. XIV. *Se de Lisboa.*

H

HERD^ROS — Herdeiros — s. XVII. *Lisboa, S. Vicente.*

HẼRIQ — Henrique — s. XV. *Museu do Carmo.*

HM° — Jerónimo — s. XVII. *Idem.*

HUI' — Hujus — s. XIV. *Sé de Lisboa.*

HṼ — Um — s. XVII e XVIII. *Museu Etnologico.*

HṼA — Uma — s. XVII e XVIII.

I

I — In — s. XIV. *Sé de Lisboa.*

Ī — Mil — s. XV — *Tôrres Vedras, Museu.*

IIII^C — 400 — s. XV — *Tôrres Vedras, Museu.*

I^O — João — s. XIV. *Lisboa, Carmo.*

I° — João — s. XIV. *Idem.*

Primeiro — s. XIV. *Odivelas.*

I^R — Irmã — s. XVIII. *Museu do Carmo.*

I'TA — Justa — s. XIV. *Sé de Lisboa.*

I Ã — João — s. XVI. *Ouguela, Cruz de Galindo.*

IAZ° — Jazigo — s. XVII. *Sé de Lisboa.*

IB^C — 400 — s. XV. *Odivelas.*

ID' — Idus — s. XIV. *Sé de Évora.*

IG^RA — Igreja — s. XVIII. *Coimbra, S.ta Justa.*

IGIA — Igreja — s. XVI. *Braga, Conceição.*

IGR^A — Igreja — s. XVI. *Sintra, S.ta M.ª*

IHIS — Joanis — s. XIV. *Sé de Lisboa.*

IHNES — Joanes — s. XIV. *Idem.*

IHNS — Joanes — s. XII. *Museu do Carmo.*

IHÑS — Joanes — s. XII. *Coimbra, S.ta Justa.*

IHS — Jesus — s. XVIII. *Museu do Carmo.*

I‿H S — Joanes — s. XIV. *Sé de Lisboa.*

IHSP^TO — Jesus Cristo — s. XVIII. *Museu do Carmo.*

IHU — Jesu — s. XV. *Tôrres Vedras, Museu.*

I H̄ U — Jesus — s. XV. *Museu do Carmo.*

I‿H V — Jesus — s. XII. *Almourol.*

IIII^C — 400 — s. XV. *Ericeira, Fonte do Cabo.*

ILL^MO — Ilustrissimo — s. XVIII. *Sé de Braga.*

IM^O — João (?) — s. XVI.

IMI — Jesus Maria José — s. XIX. *Museu do Carmo.*

IN̄RII — Januarii — s. XIII. *Id.*

I Õ — João — s. XV. *Alcacer do Sal.*

IO‿A — João — s. XVI. *Odivelas.*

IOHAÑS — Joanes — s. XIV. *Sé de Lisboa.*

IR — Irmã — s. XIX. *Museu do Carmo.*

IR° — Janeiro — s. XVII. *Alvôr, Matriz.*

IRM^DE — Irmandade — s. XVII. *Lisboa, Páteo D. Fradrique.*

IS — 15 — s. XVI. *Braga.*

ISOO — 1500 — s. XVI. *Museu do Carmo.*

ISSI — 1551 — s. XVI. *Tôrres Vedras (N. S. Amial).*

ISSX — 1560 — s. XVI. *Goes.*

ISVS — Jesus — s. XVII. *Moçambique, S. Fr.co X.er.*

IZSS — 1255 — s. XVI? *Sé de Lisboa.*

J

JAM	João — s. xv. *Museu S. Geografia Lisboa.*
JE	José — s. xix. *Museu do Carmo.*
JAO	Janeiro — s. xvi. *Sé de Lisboa.*
JHU	Jesus — s. xv. *Museu do Carmo.*
JMO	Jerónimo — s. xviii. *Lumiar.*
JÕ	João — s. xvi. *Leça do Bailio.*
JOAQM	Joaquim — s. xix. *Varatojo.*
JOH̄M	João — s. xv. *Sé de Lisboa.*
JŌYMO	Jerónimo — s. xiv. *Museu do Carmo.*
JUB	Jubilado — s. xix. *Buçaco, Encarnadouro.*
JUL	Julho — s. xix. *Museu do Carmo.*

K

KAL	Calendas — s. xii. *Santa Maria de Landin.*
KL	Calendas — s. xiii. *Coimbra, Santiago.*
KLAS	Calendas — s. xiv. *Cete.*
KLS	Calendas — s. xiii. *Montemór-o-Velho.*

L

LÇA	Licença — s. xvi. *Sintra, Santa Maria.*
LDO	Licenciado — s. xvii. *Guimarães, Colegiada.*
LO	Lopo — s. xv. *Tomar, Santa Maria Olival.*
	Lourenço — s. xiv. *Lisboa, Carmo.*
LAMGO	Lamego — s. xviii. *Sé de Coimbra.*
LBR̃S	Libras — s. xiv. *Sé de Lisboa.*
LCO	Lourenço — s. xiv. *Tôrres Novas.*
LÇO	Lourenço — s. xiv. *Lisboa, Carmo.*
LDO	Licenciado — s. xvi. *Amieira.*
LGO	Lago — s. xviii. *Moçambique, Misericórdia.*
LINHAG̃	Linhagem — s. xvi. *Sé de Lisboa.*
LIVREMTE	Livremente — s. xvii. *Idem.*

LIXA	Lisboa — s. xviii. *Figueiró, Carmo.*
LOVRCO	Lourenço — s. xvi. *Sé de Lisboa.*
LXA	Lisboa — s. xvii-xix. *Museu do Carmo.*

M

M	Madre — s. xviii. *Museu do Carmo.*
	Maria — s. xvii. *Id.*
	Mártir — s. xvii. *Sé de Lisboa.*
	Memória — s. xvi. *Amieira.*
	Mestre — s. xvii. *Museu do Carmo.*
	Milésima — s. xii. *Id.*
	Mulher — s. xvii. *Tomar, S. Franc.co.*
M̄	Milésima — s xii. *Museu do Carmo.*
M̄ (cc)	Mil — s. xiv. *Tomar, Cristo.*
	Milésima — s. xiv. *Id.*
M̃	Maria — s. xiv. *Sé de Lisboa.*
M̊	Milésima — s. xiii. *Museu do Carmo.*
MA	Maria — s. xiii. *Id.*
	Mesma — s. xviii. *Museu Etnológico.*
	Missa — s. xviii. *Évora, S.ta Catarina.*
MDCA	Mendonça — s xvii. *Lisboa, S. Vicente.*
MDE	Magestade — s. xviii. *Museu do Carmo.*
MDOV	Mandou — s. xvii. *Moçambique, S. Sebastião.*
ME	Mestre — s. xiv. *Óbidos, Castelo.*
ME	Madre — s. xviii. *Museu do Carmo.*
	Mestre — s. xv. *Figueiró, S. João.*
MEL	Manuel — s. xvi. *Tomar, S.ta M.a Olival.*
MEL	Manuel — s. xvii. *Sé de Évora.*
MER	Mulher — s. xvii. *Guimarães, Colegiada.*
ML	Miguel — s xiv. *Sintra, S. Martinho.*
	Mil — *Sé de Évora.*
MNA	Mariana — s. xviii. *Museu do Carmo.*
MO	Martinho — s. xv. *Lisboa, Carmo.*
MO	Momento — s. xv. *Museu do Carmo.*
MOR	Morador — s. xv. *Lisboa, Graça.*

M^{OU}	Mandou — s. XVII. *Setubal, Bomfim.*
M^{TAS}	Muitas — s. XVI. *Sé de Lisboa.*
M^{TO}	Muito — s. XVI-XVIII. *Id.*
M^{TOS}	Muitos — s. XVI-XVIII. *Coimbra, Sta Justa.*
MAD^{RA}	Madeira — s. XVII. *Tomar, Anunciada Nova.*
MAG	Magestade — s. XVII. *Lisboa, S. Vicente.*
MAG^{DE}	Magestade — s. XVI. *Sintra, Sta Maria.*
MAGIS$\overset{\cup}{T}$	Magister — s. XII. *Tôrres Vedras, Sta Maria.*
MARG^{DA}	Margarida — s. XIX. *Museu do Carmo.*
$\overset{\cup}{M}$CO	Março — s. XV. *Sé de Lisboa.*
$\overline{M}$ED$\overline{Z}$	Mendes — s. XV (?) *Sé de Lisboa.*
MEŸ	Meira — s. XV. *Museu de Tomar.*
MG^{DE}	Magestade — s. XVI. *Museu do Carmo.*
MHA	Minha — s. XIV. *Id.*
MHOHER	Mulher — s. XIV. *Sé de Lisboa.*
M$\overline{I}$A	Misericórdia — s. XVI. *Amieira.*
$\overset{\frown}{M}$IAM	Misericórdia — s. XVI. *Amieira.*
MIDI	Maria José de Jesus — s. XIX. *Museu do Carmo.*
MIN^{TRO}	Ministro — s. XIX. *Buçaco, Encarnadouro.*
MISS	Missionário — s. XVII. *Varatojo.*
MLHER	Mulher — s. XVI. *Tomar, Sta Maria Olival.*
MNS	Menendus — s. XIII. *Bravões.*
$\overset{\cup}{M}$IO	Maio — s. XIV. *Tomar, Cristo.*
MIR^{DA}	Miranda — s. XV. *Lisboa, S. Cristóvao.*
M$\overline{I}$Z	Martins — s. XVI.
MIZ^{A}	Misericórdia — s. XVIII. *Moçambique, Misericórdia.*
M$\overline{J}$A	Misericórdia — s. XVI (?).
M$\overline{J}$Z	Martins — s. XVI (?).
MOLH^{R}	Mulher — s. XIV. *Sintra, S. Martinho.*
MOLH$\overline{R}$	Mulher — s. XV. *Sé de Lisboa.*
MON	Monasterium — s. XIV. *Odivelas.*
MONT^{O}	Monteiro — s. XVII. *Lisboa, S. Vicente.*
MOST^{O}	Mosteiro — s. XVII. *Lisboa, S. Vicente.*
MOSTR^{O}	Mosteiro — s. XVII. *Museu do Carmo.*
MR^{CE}	Mercê — s. XVII. *Sé de Lisboa.*
$\overline{M}$RIS	Martiris — s. XIV. *Sé de Évora.*

MRPM	Muito Reverendo Padre Mestre — s. XVIII. *Museu do Carmo.*
$\tilde{M}$S	Martins — s. XIV. *Sé de Lisboa.*
MT	Marta — s. XIV. *Guimarães, Colegiada.*
M$\overset{o}{T}$	Muito — s. XVI. *Sé de Lisboa.*
MT^{o}	Muito — s. XV. *Tomar, Cristo.*
MT^{OS}	Muitos — s. XVI. *Sé de Lisboa.*
MTA	Marta — s. XIV. *Guimarães, Colegiada.*
$\tilde{M}$TIM	Martim — s. XV. *Sé de Lisboa.*
$\overset{\frown}{M}$TINZ	Martins — s. XIV. *Odivelas.*
M$\tilde{T}$IZ	Martins — s. XIV. *Tomar, Sta Maria Olival.*
MTII	Martii — s. XIV. *Odivelas.*
MVI$\overline{M}$TO	Moimento — s. XIV. *Sé de Évora.*
MVJ^{TO}	Muito — s. XV. *Tomar, Sta Maria Olival.*
M$\overline{Y}$A	Misericórdia — s. XVI. *Museu do Carmo.*
M$\overline{Y}$Z	Martins — s. XV. *Sé de Lisboa.*

N

N	Nossa — s. XVIII. *Museu do Carmo.*
	Nosso — s. XVI. *Amieira.*
$\tilde{N}$	Não — s. XIV. *Sé de Évora.*
N^{o}	Nuno — s. XVI. *Goes.*
N^{TE}	Neste — s. XVII. *Tomar, S. Fran.^{co}.*
NACM^{TO}	Nascimento — s. XV. *Museu do Carmo.*
NACMT^{o}	Nascimento — s. XV. *Tomar, Cristo.*
N$\tilde{A}$RIO	Necessário — s. XVII. *Id.*
NH$\tilde{V}$	Nenhum — s. XVI. *Luz.*
NM	Nossa Madre — s. XIX. *Museu do Carmo.*
$\overline{N}$N$\overline{E}$	Nomine — s. XII. *Almourol.*
$\overline{N}$NS	Nonas — s. XII. *Id.*
NO$\overset{\cup}{I}$S	Nonis — s. XIV. *Sé de Lisboa.*
N$\overset{\frown}{R}$I	Nostri — s. XII. *Almourol.*
NS	Nosso Senhor — s. XVIII. *Museu do Carmo.*
NS^{A}	Nossa Senhora — s. XVI. *Amieira.*
NSRA	Nossa Senhora — s. XVII. *Tomar, Cristo.*

O

O	Obra — s. XVIII. *Senhor Roubado, Odivelas.*
O (cortado)	Obiit — *Alcobaça.*
OB	Obiit — s. XIII. *Museu do Carmo.*
Ob (*b* minúsculo cortado)	Obiit — *Pôrto, Museu Municipal.*
OB^{RO}	Outubro — s. XVIII. *Museu do Carmo.*
OFF^{o}	Ofício — s. XVII. *Braga, S. Marcos.*
ŌIA	Omnia — *Setúbal.*
OL^{RA}	Oliveira — s. XVII. *Lisboa, Monte.*
OLIUR^{A}	Oliveira — s. XVI. *Sé de Lisboa.*
OLR^{o}	Oleiro — s. XVII. *Lisboa, Graça.*
OP	O padre — s. XVII. *Ericeira, Cruz.º.*
OQ̃	O qual — s. XV. *Museu do Carmo.*
OQV	O quinto — s. XVI. *Goes.*
OR	Ora — s. XII. *Museu do Carmo.*
ORIV̄D'	Oriundus — s. XII. *Almourol.*
ORTE	Orate — s. XII. *Id.*
OUV^{OR}	Ouvidor — s. XVIII. *Moçambique, C^{a} M.^{al}.*
OVT	Outro — s. XVI. *Sé de Lisboa.*
OVT^{BRO}	Outubro — s. XVI. *Sintra, Sta Maria.*
OVTR^{o}	Outubro — s. XVII. *Figueiró, Carmo.*

P

P	Padre — s. XVII. *Museu do Carmo.*
	Por — s. XVI. *Sé de Lisboa.*
P̄	Pelo — s. XIV.
	Por — s. XIV. *Sta Comba.*
P̃	Pre... — s. XIV. *Sé de Lisboa.*
	Per... — s. XIV. *Id.*
P (cortado)	Per... — s. XIV. *Id.*
P^{A}	Para — s. XVII. *Museu do Carmo.*
	Pessoa — s. XVI. *Luz.*
	Primeira — s. XVIII.
P^{AL}	Provincial — s. XVII. *Museu do Carmo.*

P^{E}	Padre — s. XVIII. *Lumiar.*
	Pede — s. XVIII. *Sé de Moçambique.*
P^{ES}	Padres — s. XVII-XVIII. *Tomar, Cristo.*
P^{I}M^{RO}	Primeiro — s. XV. *Museu do Carmo.*
P^{I}MEÏ	Primeiro — s. XV. *Tomar, Pegões.*
P^{I}OR	Prior — s. XV. *Tôrres Vedras, Museu.*
P^{o}	Pedro — s. XIV. *Lisboa, Carmo.*
P^{o}	Primeiro — s. XV. *Tomar, Sta Maria Olival.*
P^{OR}	Prior — s. XVII. *Lisboa, Páteo de D. Fradique*
P^{R}	Por — s. XVIII. *Sé de Moçambique.*
P^{RA}	Pereira — s. XVI. *Castelo da Feira.*
PA	Para, pera — s. XIV. *Sé de Lisboa.*
PA (o *p* cortado)	Pera — s. XIV. *Id.*
PAC	Pace — s. XIII. *Montemór-o-Velho.*
PADR^{o}	Padroeiro — s. XVII.
PDŌ	Perdão — s. XIV. *Sta Comba.*
PDOE (o *p* cort.º)	Perdoe — s. XIV. *Sé de Lisboa.*
PEQ̃NO	Pequeno — s. XV. *Alcácer do Sal.*
PER^{A}	Pereira — s. XVIII. *Sé de Brago.*
PES (o *p* cortado)	Peres — s. XIV. *Tôrres Novas.*
PEZ (o *p* cortado)	Peres — s. XIV. *Guimarães, Colegiada.*
PF	Padre frei — s. XVII. *Varatojo.*
PĪZ	Pires — s. XVI.
P̄LO	Pelo — s. XIV. *Sé de Lisboa.*
PM̄	Primeiro — s. XIV. *Sé de Évora.*
PN	Padre Nosso — s. XVII-XVIII.
PNAM	Padre Nosso Ave Maria — s. XVII-XVIII.
PORT	Portugal — s. XIV. *Tomar, Cristo.*
PORT^{AL}	Portugal — s. XVII. *Moçambique, S. Sebastião.*
PORTS̄	Portugueses — s. XIV. *Sé de Lisboa.*
PR	Prima — s. XIX. *Buçaco, Encarnadouro.*
PR^{A}	Pereira — s. XVIII. *Moçambique, Misericórdia.*
	Primeira — XVII *Museu do Carmo.*
PR^{o}	Primeiro — s. XVII. *Castanheira.*
PRESBĪT	Presbiter — s. XIV. *Sé de Lisboa.*
PREZ^{TE}	Presidente — s. XIX. *Leça do Bailio.*
PRIMR^{A}	Primeira.

PROV	Provincia — s. XVII. *Museu do Carmo.*
P̃SB̃R	Presbiter — s. XIV. *Sé de Lisboa.*
PSVALMA	Por sua alma — s. XVI. *Sé de Braga.*
PVLPTO	Púlpito — s. XVI. *Lumiar.*

Q

Q	Quae — s. XIV. *Odivelas.*
	Que — s. XVI. *Sintra, S.ta Maria.*
Q̄	Que — s. XV. *Museu do Carmo.*
Q̃	Qual — s. XV. *Id.*
	Que — s. XVII. *Id.*
Q^AL	Qual — s. XVII. *Figueiró, Carmo.*
Q^I	Qui — s. XIV. *Sé de Lisboa.*
Q^I	Qui — XIII. *Santarém, Alcáçova.*
Q^IA	Quia — s. XII. *Museu do Carmo.*
Q^ID	Quid — s. XIV. *Odivelas.*
Q^TO	Quanto — s. XVIII. *Lumiar, Alameda.*
Q^UTOS	Quantos — s. XIV. *Santa Comba.*
Q^VL	Qual — s. XVI. *Sé de Lisboa.*
Q̃ÃDO	Quando — s. XV. *Alcácer do Sal.*
Q̃AN	Que hão — s. XIV. *Sé de Lisboa.*
QD	Quod — s. XII. *Museu do Carmo.*
Q̃EL	Que êle — s. XIV. *Sé de Lisboa.*
Q̃ES	Quais — s. XV. *Museu do Carmo.*
QINTA^A	Quintanilha — s. XVII. *Tomar, Cristo.*
Q̃L	Qual — s. XIV. *Sé de Lisboa.*
Q̃LL	Qual — s. XV. *Alcácer do Sal.*
Q̈LL	Qual — s. XV. *Tomar, Pegões.*
QNDO	Quando — s. XIV. *Sé de Lisboa.*
Q̃OD	Quod — s. XII. *Tomar, Cristo.*
QU^M	Quem — s. XVII. *Luso.*
QUOTID^A	Quotidiana — s. XVIII. *Évora, S.ta Catarina.*

R

R	Responso — s. XVI. *Sé de Lisboa.*
	Reverendo — s. XVII. *Museu do Carmo.*
R^A	Rainha — s. XV. *Id.*

R^DO	Reverendo — s. XVII. *Sé de Lisboa.*
R^DOS	Reverendos — s. XVII. *Tomar, Cristo.*
R̊	Rodrigo — s. XIV. *Odivelas.*
R^O	Rodrigo — s. XIV. *Sintra, S. Martinho.*
R^TA	Quarenta — s. XV. *Tomar, S.ta M.a Olival.*
R^TOR	Reitor — s. XVIII.
RD^O	Reverendo — s. XVIII.
RD^OS	Reverendos — s. XVIII. *Coimbra, S.ta Justa.*
REIN^DO	Reinando — s. XVII. *Moçambique, S. Sebastião.*
RELIG^A	Religiosa — s. XVII. *Museu do Carmo.*
RESP^TO	Respeito — s. XVII. *Id.*
REVS	Reversus — s. XVII. *Almourol.*
RIBR^A	Ribeira — s. XVIII. *Funchal.*
RIBR^O	Ribeiro — s. XVI. *Xabregas.*
RN^O	Reino — s. XVII.
RND^O	Reinando — s. XVII.
RÖA	Roma — s. XVII. *Museu do Carmo.*
	Romana — s. XVII. *Id.*
RODIC'	Rodericus — s. XIV. *Sé de Lisboa.*
ROIZ	Rodrigues — s. XVI. *Sé de Braga.*
RPM	Reverendo Padre Mestre — s. XVII. *Museu do Carmo.*
R̃S	Reais — s. XVII. *Sé de Braga.*
RX	Responso — s. XVI. *Sé de Lisboa.*

S

S	Santa — s. XVII.
	Santo — s. XVII.
	São — s. XVII.
	Senhor — s. XVII. *Museu do Carmo.*
	Sepultura — s. XVII. *Id.*
	Scilicet — s. XII. *Almourol.*
	5 — s. XVI. *Sé de Lisboa.*
S (cortado)	Ser... — s. XIV. *Sé de Lisboa.*
S̃	São — s. XV. *Alcácer do Sal.*
S^A	Senhora — s. XVII.

S^A	Sepultura — s. xv. *Museu do Carmo.*
	Sousa — s. xvi. *Sintra.*
	Sua — s. xviii. *Museu do Carmo.*
S^AS	Sepulturas — s. xviii. *Figueiró, Carmo.*
S^A M^DE	Sua Magestade — s. xvii.
S^BAM	Sebastião — s. xvi. *Palmela.*
S^o	Sueiro — s. xiv.
S^o	Segundo — s. xv. *Inscrição do Zaire.*
S^OR	Senhor — s. xvii. *Figueiró, Carmo.*
S^R	Sepultar — s. xv. *Figueiró, S. João.*
S^RA	Senhora — xvii. *Id., Carmo.*
S^RES	Senhores — s. xviii. *Id.*
S^TA	Santa — s. xvii-xviii.
S^TO	Santo — s. xvii-xviii. *Sé de Braga.*
SA	Sua Alteza — s. xvii. *Leça do Bailio.*
SACRAM^TO	Sacramento — s. xviii. *Museu do Carmo.*
SC̄A	Santa — s. xiv-xv. *Id.*
SCI	Sancti. *Alcobaça.*
SC̄I	Sancti — s. xiv. *Odivelas.*
S͡CI	Sancti. *Alcobaça.*
SCOS	Santos — s. xiv. *Museu do Carmo.*
SE'	Seus — *Sé de Évora.*
SEB^AM	Sebastião — s. xvii. *Moçambique, S. Francisco Xavier.*
SEG^DA	Segunda — s. xvi-xvii. *Tomar.*
SEG^DO	Segundo — s. xvii. *Musev do Carmo.*
SEG^o	Segundo — s. xv. *Museu S. Geografia Lisboa*
SEMIN^o	Seminário — s. xvii. *Varatojo.*
SĒPE	Sempre — xv. *Museu do Carmo.*
SERENS^MA	Sereníssima — s. xvii. *Odivelas.*
SETR^o	Setembro — s. xvii. *Figueiró, Carmo.*
SĒUIO	Serviu — s. xvi. *Sé de Lisboa.*
SI^DE	Cidade — xviii. *Figueiró, Carmo.*
SIQ^RA	Sequeira — s. xvii. *Castanheira.*
S͡IT	Sintra — s. xiv. *Sintra, S. Martinho.*
SM	Sua Magestade — s. xix. *Leça do Bailio.*
SM^o	Santíssimo — xix. *Museu do Carmo.*

SNÇ^A	Sentença — s. xiii. *Figueiró, Carmo.*
SN^RA	Senhora — s. xvii. *Machico.*
SNAR̆	Senhora — s. xvii. *Museu do Carmo.*
SNOR	Senhor — s. xvi. *Tomar, Santa Maria Olival.*
SNORÃ	Senhora.
SNORS	Senhores — s. xvi.
SNR	Senhor — s. xvi. *Goes.*
SOBRED^A	Sobredita — s. xviii.
SOG^o	Sogro — *Sé de Évora.*
SÕR	Senhor — s. xiv. *Évora, S. Francisco.*
S͡OR	Senhor.
SOR̃	Senhor — s. xvi. *Sé de Braga.*
SÕRS	Senhores — s. xvii. *Pero Negro, A-da-Guerra.*
SP^A	Sepultura — s. xiv (?).
SPṼ	Spiritum — s. xiv. *Sé de Évora.*
SR̃	Senhor — s. xvii. *Museu do Carmo.*
SR^A	Senhora — s. xvii. *Figueiró, Carmo.*
SRA	Senhora — s. xvii. *Lisboa, N. S. do Amparo.*
SR^ES	Senhores — s. xvii. *Figueiró, Carmo.*
SRĨDOR	Servidor — s. xv. *Tomar, Cristo.*
SS	Santíssimo — s. xviii. *Museu do Carmo.*
SS^MO	Santíssimo — s. xviii. *Id.*
ST	Estêvão — s. xiv. *Guimarães, Colegiada.*
	Santo — s. xiii. *S. Claudio.*
S̄T	Estêvão — s. xiv. *Museu do Carmo.*
STĒZ	Esteves — s. xiv. *Lisboa, Graça.*
S̄TO	Santo — s. xiii.
STZ̃	Esteves — s. xv. *Lisboa, Graça.*
SUICO (o s cort.º)	Serviço — s. xv. *Sé de Lisboa.*
SV	Sum — s. xiii. *Museu do Carmo.*
SVS	Suis — s. xii. *Tomar, Castelo.*
S ✠	Santa Cruz — s. xvi. *Coimbra.*

T

T	Tôda — s. XVIII. *Senhor Roubado, Odivelas.*
TAM	Tabelião — s XIV (?). *Sé de Lisboa.*
TAM	Tabelião — s. XVII. *Lisboa, Páteo de D. Fradique.*
TDAÃCA	Tardança — *Sé de Évora.*
TEN	Tenente — s. XIX. *Leça do Bailio.*
TENE	Tenente — s. XIX. *Buçaco, Encarnadouro.*
TERA	Teresa — s. XIX. *Museu do Carmo.*
	Terra — s. XV. *Museu S. Geografia de Lisboa.*
TEYXRA	Teixeira — XVII. *Moçambique, N. S. Baluarte.*
THA	Teresa — s. XIX. *Museu do Carmo.*
TO	Todos — s. XIV. *Santa Comba.*
TPO	Tempo — s. XVI. *Sé de Lisboa.*
TRA	Terra — s. XIV. *Id.*
TRCRO	Terceiro — s. XVI. *Tomar.*
TTO	Título — s. XVII. *Museu do Carmo.*

U

U	5 — s. XII. *Leça do Bailio.*
	$ — s. XVII.
UCO	Vasco — s. XV. *Museu do Carmo.*
UE	Vicente (?) — s. XIV. *Sé de Lisboa.*
UCT	Vicente — s. XVI. *Id.*
UII	Septimus — s. XIII. *Museu do Carmo.*
UNDE	Universidade — s. XIX. *Buçaco, Encarnadouro.*

V

V	Virgem — s. XVII. *Sé de Lisboa.*
VA	Vila — s. XVIII. *Figueiró, Carmo.*
VAS	Vilas — s. XVIII. *Id.*
VCOS	Vasconcelos — s. XVII. *Id.*

VDE	Universidade — s XVII. *Buçaco, S. José.*
VO	Vero — s. XII. *Almourol.*
VAASQS	Vasques — s. XV. *Figueiró, S. João.*
VASCÕLOS	Vasconcelos — s. XVII. *Lisboa, Monte.*
VASCONLOS	Vasconcelos — s. XIX. *Leça do Bailio.*
VENDA	Veneranda — s. XIX. *Id.*
VENL	Venerável — s. XVII. *Varatojo.*
VENROS	Venerandos — s. XIX. *Leça do Bailio.*
VGNIS	Virginis — s. XIV. *Sé de Évora.*
VIGRO	Vigário — s. XVII. *Museu do Carmo.*
VREY	Vice-Rei — s. XVII. *Moçambique, N. S. Baluarte.*

X

X	Cristo — s. XII.
XER	Xavier — s. XVII.
XO	Cristo — s. XV. *Museu do Carmo.*
XLA	Quaresma — s. XII.
XPAÃOS	Cristãos — s. XIV. *Sé de Évora.*
XPÃO	Cristóvão — s. XVI. *Évora, S. Francisco.*
XPI	Cristi — s. XII. *Leça no Bailio.*
XPINA	Cristina — s. XIV.
XPM	Cristum — s. XIV. *Sé de Evora.*
XPO	Cristo — s. XV. *Museu do Carmo.*
XPOUAM	Cristóvão — s. XIV.
XPOVÃO	Cristôvão — s. XVI. *Leça do Bailio.*
XPS	Cristus.
XPVÃO	Cristóvão — s. XVI. *Tomar, Santa Maria Olival.*

Y

YAM	João — s. XV. *Inscrição do Zaire.*
YO	João — s. XIV. *Lisboa, Carmo.*

Z

Z	2 — s. XVII. *Santa Luzia.*
7BRO	Setembro — XVII-XIX. *Museu do Carmo.*
8BRO	Outubro — s. XVII XIX. *Lisboa, S. Vicente.*
9BRO	Novembro — s. XVII-XIX. *Sagres, Cap.ª da Praça.*
10BRO	Dezembro — s. XVII-XIX. *Buçaco, Encarnadouro.*
&	e — s. XVII.
	et — s. XVII.
	et cœtera — s. XVII.
—	er — s. XV-XVI. *Sé de Lisboa.*
	supressão de letras — s. XIV-XVI. *Id.*
~	m, n, er, ra, re — s. XIV-XVI. *Id.*
	supressão de letras — s XIV-XVI. *Id.*
ʔ	er, re — s. XIV. *Id.*
⌐	supressão de letras — s. XIV. *Id.*
ɜ	supressão de letras — s. XIV. *Id.*
..	er, ra — s. XV. *Id.*
,	e — s. XVI. *Museu do Carmo.*
,	is, os, us — s. XIII-XIV. *Sé de Lisboa.*
9	con... — XII-XIII.
9º	conselho — s. XIII-XIV.
9	contra — s. XIII. *Tomar.*
9T̃	contra — s. XIII.
9TRA	contra — s. XIII-XIV.
9DE	conde — XIV.
9UENTO	convento — s. XIV.

VI

Das letras geminadas, inclusas e sobrepostas

Uma das freqüentes dificuldades que mais tortura os olhos e a paciência do investigador, ao tentar a interpretação de qualquer texto epigráfico medieval, cuja inscultura delida pelo passar dos séculos, mais lhe torna penoso o labor, é essa constante e arreliadora junção de caracteres, essa confusa comunidade de traços, essa desnorteadora sobreposição de linhas que, por vezes, transforma tais agrupamentos de letras em verdadeiros e ennervantes enigmas.

Calcule-se a infinidade de combinações possíveis de obter por tal processo a que, em geral, andavam ligados os outros que a seguir se exemplificam, e não sòmente davam à escrita um aspecto, por vezes, de grande elegância, mas lhe traziam as vantagens da redução de espaço e rapidez da inscultura, pois outras causas que, como às abreviaturas, lhes têm sido atribuídas, como a de dificultar a geral compreensão dos textos [1], estão naturalmente em oposição com o fim dêstes, que se gravavam na pedra precisamente para

[1] Chassant, ob. cit.

serem transmitidos a maior número de gerações futuras.

A mesma causa que originou as abreviaturas, isto é, a necessidade de inscrever determinado texto num pequeno espaço, ou até a de igualar o comprimento das linhas duma inscrição, obrigou os canteiros a recorrerem ao processo simples de ligar duas, três, quatro e até cinco letras, aproveitando traços que ficavam comuns.

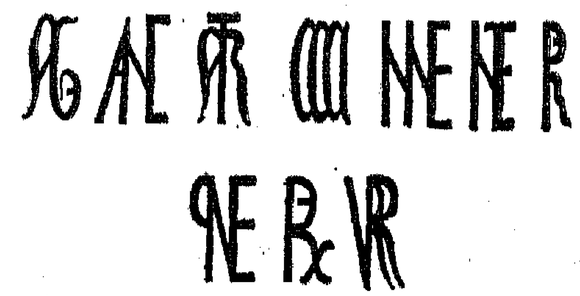
Às letras assim insculpidas chamamos conjuntas ou geminadas.

Não é fácil reünir tôdas as geminações que se podem formar e em que a fantasia do canteiro se expandia livremente. Mostrarei, no entanto, algumas de entre as que tenho encontrado.

(com 2 letras)

ab ac ad ae al am ar at av de de el et fr ge
he ir kl ma mb me ml mp nd ne nn nt on pe
pl qe th tr ui ul um xa

(com 3 letras)



age anc atr ccc nne nte per qve rex vrr

(com 4 letras)

ante mnte

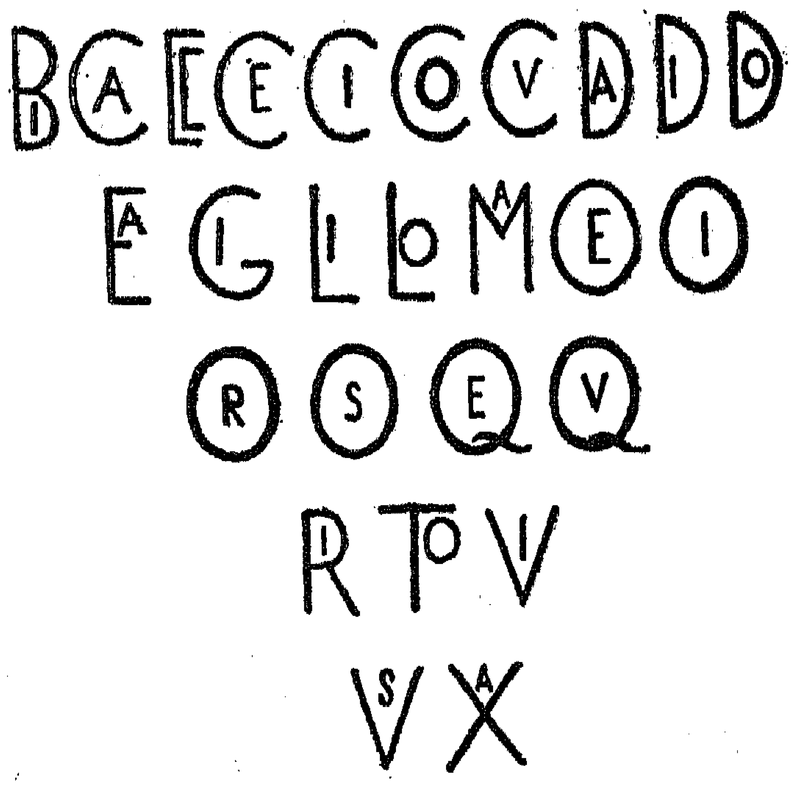
(com 5 letras)

morte tiver

Outro processo muito empregado, principalmente para as letras formadas por linhas curvas, consistia

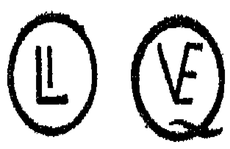
em incluir no espaço limitado por essas linhas outra letra de menores dimensões:

(com 2 letras)



bi ca cc ce ci co cv da di do ea gi li lo ma
oe oi or os qe qv ri to vi vs xa

(com 3 letras)



oli qve

Havia ainda outro processo muito vulgar que era o da sobreposição:

av do ee la ll ov vi vt xi

Era tão usual o emprêgo dêstes três sistemas que muitas vezes os encontramos reünidos, por exemplo:

ado agi avi dom ndo tho tri deo

Empregando êste processo consegue-se formar grupos bastante numerosos de caracteres ou até palavras completas:

martiris

Encontram-se também, por vezes, grupos simétricos de caracteres, como por exemplo êste:

svis

VII

Da reconstituïção das inscrições

Reconstituir um texto epigráfico que o tempo mutilou é sempre trabalho difícil e de muita responsabilidade pela falta de regras seguidas na sua composição.

Numa inscrição romana, incompleta ou em parte gastos os caracteres, podemos, quási sempre, reconstituir-lhe os períodos desaparecidos com bstante probabilidade. Sabemos, por exemplo, que as inscrições funerárias começavam sempre pela fórmula D·M·S· *D(iis)M(anibus)S(acrum)*, ou outra análoga, ou ainda por uma dedicatória a qualquer divindade, como *I(ùpiter)O(ptimus)M(àximus)* [1], que em seguida devemos encontrar os nomes do defunto, depois a sua filiação, a tríbu a que pertencia, etc., e, por fim, os anos, por vezes até os meses e dias que viveu.

Além disso, como as palavras se declinavam, não é difícil achar a terminação daquelas cujas primeiras letras ainda se distinguem.

Ora, com as nossas inscrições não sucede o mesmo. Não obedecem a regras e os canteiros que as gravavam seguiam apenas a sua rude fantasia ou as indica-

---

[1] Cagnat, *Cours d'Epigrafie Latine.*

ções, mais ou menos sensatas, de quem lhes mandava executar o trabalho.

Há fórmulas que se repetem com pequenas variantes. É notável a freqüência, em inscrições sepulcrais da Idade-Média, de frases como:

quod es fui et quod sum eris [2]

fórmula que mais ou menos se conservou, aparecendo-nos ainda numa inscrição que há anos existia no Buçaco:

...eu já fui o que tu és e tu serás o que eu sou [3]

Mas isto não constitui, evidentemente, uma regra.

Depois da primeira metade do século XIII, nessas inscrições, é substituída a frase *Obiit F...* pela fórmula *Aqui jaz*, que se mantém até nossos dias, tendo caído talvez um pouco em desuso no século XV, em que se encontra de preferência a fórmula: *Esta Sª he de...* fórmula empregada durante o século seguinte. Então, mas principalmente no século XVII, essa fórmula simplifica-se para *S.ª de...*

Regras, porém, não as podemos estabelecer.

É, pois, necessário nunca ultrapassaramos, ao reconstituir uma inscrição, o que possa ser tentado dentro do máximo rigor.

Permita-se-me um simples exemplo da reconstituïção, por mim tentada, de certo fragmento há pouco

[2] Borges de Figueiredo, *Rev. Archeol.*, vol. I, pág. 110.
[3] Id.

encontrado entre os entulhos retirados da capela de Santo Amaro, no transepto da velha Sé de Lisboa [4].

A primeira linha e parte da segunda tinham desaparecido. As restantes diziam [5]:

.....
NEN.....PISCO.....
IACET:QVI REGNANTE
ALFONSO Z° A MAURIS
ALCASSARUM SALIS
ERIPVIT:AN DE IZSS

O problema era de facílima resolução, sabido que Alcácer do Sal fôra tomada aos moiros pelo bispo D. Soeiro Viegas [6]. Em três das linhas que se conservavam intactas, as terceira, quarta e sexta, cabiam 18 letras, contando os espaços. Apenas na quinta havia 16. A primeira linha teria de ser totalmente reconstituída mas nela deveria figurar o nome do jacente, e não era difícil formá-lo de modo a ligar com a linha seguinte:

(DON'SVARIVS VLIXBO)

[4] Vide *Fragmento de uma inscrição inédita da Sé de Lisboa*, in «Rev. de Arqueol.», vol. II, pág. 316.
[5] *Lisboa antiga*, de Castilho, vol. VI, ed. de 1936, pág. 133, aditamento do arquitecto António Couto.
[6] J. B. de Castro, *Mappa de Portugal*, P. V., pág. 146.

A abreviatura da palavra *domnus* [7] era necessária para dar a esta linha o número de caracteres igual ao da maioria das restantes e correspondentes ao espaço a preencher.

Para ficarem com êsse número de letras e espaços não poderia haver hesitação em completar as palavras mutiladas da segunda linha, ligando-as às primeira e terceira:

NEN(S.E)PISCO(PVS HIC)

Esta reconstituïção encontra-se perfeitamente justificada na carta de confirmação do foral dos moiros fôrros de Lisboa, Almada, Palmela e Alcácer, passada no ano da tomada dêste último castelo, em que assina como testemunha e da seguinte forma o próprio *Domnus Suarios Vlixbonensis episcopus* [8].

[7] Vide cap. v.
[8] Port. Monum. Hist. — Constit. — Pág. 397.

VIII

Das inscrições com aspecto arcaico

Uma ou outra vez, felizmente poucas vezes, deparam-se ao epigrafista, a dificultar-lhe o trabalho e a torturar-lhe a paciência, certas inscrições cuja redacção não condiz com o aspecto dos caracteres que deveria corresponder-lhe, ou ainda qualquer dessas formas, quando não ambas, diverge da maneira como se encontra referida a data nelas expressa.

Mesmo sem aludir às que, mais vulgares, em geral se procurou dar a aparência das antigas lápidas romanas, adoptando-se fórmulas que já não tinham razão de ser, como até expressões que já não correspondiam à verdade, como, por exemplo, em certa pedra sepulcral do fim do século XVI, onde ao defunto se atribuía o cargo de *tribunus selerum*, etc., atentemos nas que pertencem, por assim dizer, a êsse outro tipo primeiro apontado.

Existe, por exemplo, uma campa no pavimento da profanada igreja de S. Braz, que foi da Ordem de Malta, em Lisboa, cuja inscrição escrita com caracteres que não devem atribuir-se a uma época comum, nos diz:

HIC : JACET : FR : Gº : PR'S
BITER : HVI' : ECCLÎE :
OBIIT : E : 15Z

A redacção, que procura evidentemente aproximar-se da usada nos séculos XII ou XIII, não está de acôrdo com a data mencionada, a abreviatura do nome não se escreveria assim na época cujo aspecto se quis dar ao epitáfio, a abreviatura da palavra *presbiter* está mal construída, etc.

Esta inscrição, feita como nos indica a data incompleta, em vida da pessoa a quem se destinava, foi propositada e pretensiosamente redigida com a ideia de se lhe dar um aspecto obsoleto [1].

[1] J. M. Cordeiro de Sousa, *As sepulturas de Santa Luzia*, in «A Nação Portuguesa», 1935.

IX

Dos diversos tipos de inscrições

Posto que bastante arrojada seria qualquer tentativa para estabelecer uma classificação, mais ou menos rigorosa, dos muitos tipos de letreiros destinados a memorar os factos mais variados; para facilitar a simples exemplificação dos que correntemente se nos deparam, poderemos talvez considerar as nossas inscrições lapidares divididas em diversos grupos, classificando-as conforme o fim a que eram destinadas.

Assim, além de outros, teremos:

a) — Comemorativas de factos históricos.

Exemplo:

AQY CHEGARAM OS NA
VIOS DO ESCRARECYDO
REY DOM JOAM HO SE
G° DE PORTUGAL [1]

[1] Luciano Cordeiro, *A inscripção do Iellala*, in «Brasil-Portugal», Dezembro de 1900, e «Rev. de Arqueol.», Vol. I.

b) — Comemorativas de construções.

Exemplo:

:E:M:CCCC:XIII:A°:S:
N·O:MES:DOITUBRO:
FOI:COMECADA:ES:
TA:TORE:P(ER) MADADO:
DEL:REI:DO:FERNA
DO:DA:Q'L:FOI:UEE
DOR:D°:MIZ:DE:TOU
GRA:E:FOI:DELA:M^E:
:I:DOZ:E:FOI:FEITA:
A:CUSTA:DO:DITO·[2]

ou

LLVIS FRCO DE OLIVEIRA DE MIRAMDA
E DONA LVISA DE TAVORA
SORS DOS MORGADOS DOLIVEIRA E MIRDA
MÃODARÃO FAZER ESTA FOMTE
ACABOUSE EM OVTVBRO 1638
MANOEL NVNES PEDREIRO AFEZ [3]

---

[2] Óbidos, Tôrre de D. Fernando, publicada por Luciano Cordeiro, *Inscripções portuguezas,* in «A Arte Portugueza».

[3] Na Da Guerra, próximo às Enxaras.

c) — Comemorativas de instituïções.

Exemplo:

1) DIOGO MONTEIRO FAMILIAR DO SANTO OFICIO etc. .....
2) E SVA M^ER ..... INSTITUIRÃO ESTA CAPELA DE MISSA QUOTIDIANA PERPETUA etc. ..... [4]

d) — Comemorativas de oferendas.

Exemplo:

1) SYMAO COREA SENDO CAPYTAM E GOUERNADOR·DA CYDADE·DAZAMOR ESTA PYA · QUE FOY · ACHADA · ANTRE OS MOUROS
2) MANDOU TRAZER A ESTE MOSTEYRO QUELE FEZ (TODO) A SUA PROPYA CUSTA [5]

---

[4] Belino, *Inscr. e letr. da cid. de Braga.*

[5] Cordeiro de Sousa, *Inscr. port. do Museu do Carmo.*

e) — De consagração.

Exemplo:

SACRATISSIMA VIRGEM
DO PORTO SEGURO
O VOSSO ESCRAVO LOU
RENÇO DA CUNHA SOTO M
AIOR GOVERNADOR DESTA
FORTALESA VOS CONSAGRA
ESTA OBRA COMO TEM FEITO
AS MAIS .....
..... [6]

f) — De posse.

Exemplo:

DA CONGREGA
ÇÃO DE N. S.RA
DA DOVTRINA
DE LIXA ANNO
DE 1739 [7]

---

[6] Rivara, *Inscr. de Dio.*
[7] Em Lisboa, na rua do Vigário.

g) — De demarcação.

Exemplo:

NESTE LUGAR DO BARCO
DE MARTIM AFONSO PRINCIPIÃO
AS TERRAS Q̃·O SANTO CONDES=
(TA)UEL D NUNO ALUES PRA DOOU
AO REAL CONUENTO DE N. SRA DO=
MONTE DO CARMO .....
..... [8]

h) — Avisos ou determinações.

Exemplos:

SVA MAGDE ORDENA Q̃
OS COCHES SEGES LIT
RAS Q̃ VIEREM DA PTE
DE BAIXO RECVEM PA
O LARGO DAS CAZAS DO DR
..... MOVZO DE ALBQVERQ [9]

---

[8] Cordeiro de Sousa, *Inscr. port. do Museu do Carmo.*
[9] Castilho, *Lisboa antiga.*

ou

POR MANDADO DE SUA MAGESTADE, SEJA NOTÓRIO ÁS EMBARCAÇÕES PORTUGUESAS QUE PASSAREM POR ESTA FORTALESA, QUE NEM Á ENTRADA NESTE PÔRTO, NEM Á SAIDA DELE LHE DEVEM SALVA, PROPINA OU DIREITO ALGUM, NEM NELA NEM A NENHUMA DAS PESSOAS QUE NELA SERVEM; E ÁS EMBARCAÇÕES ESTRANGEIRAS SEJA NOTÓRIO QUE POR ENTRADA NÃO DEVEM TAMBÉM COISA ALGUMA E Á SAIDA HÃO DE PAGAR SO UM CRUZADO POR CADA EMBARCAÇÃO E NENHUMA OUTRA COISA MAIS.

LISBOA, 19 DE JANEIRO DE 1655 [10]

i) — Preces ou súplicas.

Exemplo:

S. ROCHE · ORA · PRO · NOBIS [11]

---

[10] Garcez Teixeira, *A Tôrre de Belem*, pág. 6.
Não foram respeitadas, nesta cópia, nem a ortografia original nem a terminação das linhas.
[11] Cordeiro de Sousa, ob. cit.

j) — De louvor.

Exemplo:

A VIRGEM MARIA NOS
SA SENHORA FOI
CONCEBIDA SEM
PECADO ORIGINAL [12]

k) Sentenciosas.

Exemplo:

QVANDO : QVISERES : FAZE
R : ALGUA : COUSA : CATA : O QUE
TE : EN : DEPOIS : UERA : EQUEN : DET
I : FIAR : NONO : ENGANES : LEALDADE
UENCE : TODALAS : COUSA^{S} : [13]

l) — Divisas, emprêsas, tenções.

Exemplos:

ALEEO [14]

---

[12] Idem.
[13] Leite de Vasconcelos, in «O Archeol. Port.», vol. XXI.
[14] Dos Meneses, Vid. Dornelas, in *Hist. e Geneal.*, vol. X.

IDA [15]

PERA SEMPRE [16]

m) — Sepulcrais.

Estas últimas podem ainda ser divididas em diferentes tipos, abrangendo:

a) — Séculos XII e XIII — Breves, em latim, indicando pouco mais do que um nome e uma data. Caracteres visigóticos e unciais.

Exemplo:

XV : KL : MAII : OB :
DONNA : MARIA :
DE ARCV : ER D :
M̃ : CC : LXXX : UII [17]

[15] Emprêsa ou moto que o Infante D. Henrique pensou em tomar e que, formada pelas iniciais do seu nome, *Iffante Dom Anrrique* (vide Pina, *Chron. de D. Duarte)*, traduzia o seu grandioso projecto.

[16] De D. Fernando de Meneses. Está no seu túmulo, em Santa Clara, de Vila do Conde, e completam-lhe a interpretação uns aneis encadeados.

[17] Cordeiro de Sousa, *Inscr. port. do Museu do Carmo.*

b) — Séculos XIII e XIV — Já em português, mais extensas. Caracteres unciais.

Exemplo:

: AQ[I] : IAZ ST̃ : PAES NATU
RAL : D̄ : BOIRO : COMEN
DO : A : MHA : ALMA : A D' :
, : A : SCÃ : MARIA : CRIA
DO : DO : BISPO : DOMI
NGUS : IARDO : Q̄ : PA
SOU : D' : DIAS : ANDA
DOS : DO : MES : DE : IUNHO
: Ē : D̄ : M̄ : E : CC̄C : , : L̄ : , VIII : ANOS [18]

c) — Séculos XV e XVI — Em português. Caracteres góticos minúsculos.

Exemplo:

AQ[I] : JAZ · DONA · BRIATIS DE CAS
TELBRANCO · PRIORESA · Q̃ · FÕI · DES
TE · MUSTEIRO · DACHELAS · Q̃ · SE · FY
NOU NA ERA DE MIL, Q[I]NHĒTOS,
XXI [19]

[18] Idem.

[19] Idem.

d) — Século XVI — Em português. Caracteres latinos.

Exemplo:

AQVI IAZ·A°·TELES·DE
MENESES·ALCAIDE·MOR
DE CÃPOMAIOR E OVGVELA
O QVAL FALECEO·A·26·DE
SETÊBRO·DE·1519 [20]

Neste século, principalmente, são vulgares as inscrições sepulcrais em que se faz referência a actos de heroísmo, como, por exemplo:

ESTA SEPULTURA HE DE
.....
..... QUE
MATARAM NO CERCO DE DIO
PELEJANDO PELA FEE DE XPO
..... [21]

ou

Sª DE .....
.....
ALEIJADO DE HUA PERNA
NO SERVIÇO DE SUA MA
GESTADE ..... [22]

[20] Idem.
[21] Rivara, *Inscr. lap. da India Port.*, pág. 35.
[22] Idem, pág. 86.

ou sòmente:

AQUI JAZ .....
.....
..... QUE MATA
RAM OS MOUROS NA TRÃQUEI
RA ..... [23]

ou então:

AQUY JAZ .....
.....
.....
OUVE HUMA FERIDA NO
DESBARATO Q·FEZ
NESTE RIO .....
..... DE QUE FALECEU
.....
.... [24]

Outras referem-se a bens legados, à doação de objectos de culto, ou até à simples aquisição de painéis para ornamentação de capelas, etc.

[23] Idem, pág. 33.
[24] Idem, pág. 125.

Exemplos:

NESTA Sª ESTA EN
TERADO ARTVR DA COS
TA DE MESQITA QVE DEI
XOV A ESTE MOSTR
DE S VT DE FORA TRIN
TA MILL RS DE IURO ASẼ
T(A)D(OS) NA ALFANDEGA
DESTA CI(DAD)E .....
..... [25]

ESTA · CAPPELLA · MANDOV · FAZER · MA =
RIA SERRAM · BORGES · PERA · SE SEPVL =
TAR .....
..... AQVAL ORNOV
E APPARAMENTOV · DE RETABOLO · OR
NAMENTOS · ALAMPADA · CALIX · GALHE
TAS E CASTISSAIS · DE PRATA · E TVDO · O
MAIS QVE ERA NECESSARIO PERA O
CVLTO DEVINO .....
..... [26]

---

[25] Cordeiro de Sousa, *As campas do claustro de S. Vicente*, in «A Nação Portuguesa».

[26] Tôrres Vedras, igreja da Graça.

Sª DE · XPÃO · DE FOIOS
O QVAL · MÃDOV FAZ
ER · ESTE · PAINEL · DE S
ÃO · XPÃO · [27]

Encontram-se ainda algumas inscrições desta época em que a alusão à morte é feita por sinédoque:

DEBAIXO DESTA PEDRA
IAZ TERA QVE DE TERA SE IEROV E EN
TERA SE TORNOV [28]

ou

A TERRA QUE ESTA CAMPA CO
BRE FOI A QUE COBRINDO
DESCOBRIO QUE ERA TE
RRA O CORPO DE MANOEL FUR
TADO DE MENDONCA .....
..... [29]

---

[27] Cordeiro de Sousa, *As sepulturas dos Foios na igreja da Ameixoeira*, in «História».

[28] Cordeiro de Sousa, *Uma lápida quinhentista dos arredores de Lisboa*, in «Brazões e genealogias».

[29] Rivara, *Inscr. de Dio.*

c) — Séculos XVII e XVIII — Em geral muito extensas, indicando, por vezes, cargos e honras. Em português ou latim. Caracteres capitais romanos.

Exemplo:

DOM RODRIGO DA CVNHA
PAY DA PATRIA
COLLEGIAL DO COLLEGIO REAL
DOVTOR NOS SAGRADOS CANONES
ESCRITOR INSIGNE
INQVISIDOR
BISPO DE PORTALEGRE E DO PORTO
ARCEBISPO PRIMAZ E DE LISBOA
CARDEAL NOMEADO
QVE NÃO ACEITOV POR LIBERTAR A PATRIA
GOVERNADOR DO REINO
CONSELHEIRO DE ESTADO
FALLECEO EM 3 DE JANEIRO DE 1643
DE IDADE DE 65 ANNOS
TRESLADOV-SE NO ANNO DE 1702 POR D
PEDRO ALVARES DA CVNHA TRINCHANTE
MOR DE SVA MAGESTADE PEDE-SE HVM
PADRE NOSSO E HVMA AVE MARIA [30]

Não devemos deixar de fazer aqui menção de certas inscrições rimadas, que, pela sua extravagância, merecem registo àparte.

[30] Sousa, *Hist. Geneal.*

Monsenhor Ferreira, no seu trabalho «Os túmulos de Santa Clara, de Vila do Conde», refere-se à seguinte, existente no túmulo de D. Fernando de Meneses:

POIS QUE NÕ TEÑO PODER
SENHORA DE ME PARTIR
DE VOS AMAR E QUERER
POR VOSTRO QUERO MORIR
E MOIRO DE MA DAMA

Faria e Sousa [31] conta o seguinte epitáfio descoberto em Chaves:

AQUI IAZ SIMOM ANTOM
QUE MATOU MUITO CASTELÃO
E DEBAIXO DESTE COVOM
DESAFIA A QUANTO SÃO

Já de época posterior, existe na igreja de S. Pedro, de Tôrres Vedras, uma inscrição que principia assim:

NVQVA DESCÃCO
ACHEI NESTA VIDA
TÃ CAMCADA SE
NÃ AQVI NESTA M
ORADA

[31] *Europa Portuguesa*, tomo II, pág. 312.

São vulgares, como notamos, as que nos dizem como esta:

O TU Q̃ ME VES AQUI,
CUIDA Q̃ TAL TE VERÁS.
CAVEIRA ME VES AQUI,
SE OLHARES PARA TI
MORTAL TE CONHECERÁS [32]

Há-as também que proclamam grandes verdades:

O MUNDO QUANTO GABA
PÁRA TUDO E SEPULTURA,
NÃO QUEIRAS BEM QUE NÃO DURA,
NÃO TEMAS MAL QUE SE ACABA. [33]

E algumas, até, de cuja sinceridade não podemos duvidar:

.....
AFIRMO VOS DE VERDADE
QUE O CHEGAR A MORRER
FOI CONTRA MINHA VONTADE [34]

---

[32] Rivara, *Inscr. lap. da India Port.*, pág. 151.
[33] Idem, *Inscr. de Dio*, pág. 20.
[34] Idem, idem, pág. 137.

X

Dos calcos

A história de alguns povos da antigüidade foi-nos dada a conhecer, em grande parte, como disse, pela decifração das suas inscrições. O estudo, porém, dessas inscrições tem de ser feito, a maior parte das vezes, por motivos bem fáceis de compreender, sôbre reproduções absolutamente rigorosas.

Ora o processo mais aconselhável para obter uma cópia fiel dos caracteres e sinais gravados numa pedra, é o calco.

Em geral, fazem-se calcos em gêsso e em papel. Julgo preferível o emprêgo do papel.

Indicarei os dois processos usados na Escola Francesa do Extremo-Oriente, denominados, o 1.º, *de Lottin de Laval*, e o 2.º, *à chinesa* [1]:

1.º processo — Estende-se sôbre a pedra, prèviamente limpa e molhada, uma fôlha de papel sem cola e bate-se-lhe cautelosamente com uma escôva bastante dura, de maneira a fazer penetrar o papel no cavado

---

[1] Vide *Exposition Coloniale Internationale de Paris, 1931 — Indochine Française — Section des Arts — L'École Française d'Extrême-Orient*, VII, pág. 12.

das letras. Deixa-se secar o papel sôbre a pedra e depois levanta-se.

Os caracteres da inscrição aparecem-nos em relêvo e invertidos. A leitura faz-se, é claro, da direita para a esquerda, o que não é difícil. E' uma questão de prática.

Devo,porém, dizer que acho preferível molhar o papel antes de o colocar sôbre a pedra. Se a primeira fôlha se rasga, o que é vulgar, devemos colocar-lhe outra bem molhada em cima, depois de estar bem assente, e continuar a operação, repetindo-a quantas vezes fôr necessário.

2.º *processo* — Depois de colocado o papel como no 1.º processo, estende-se-lhe em cima um fêltro grosso, em que se bate com um maço. Quando o papel começa a secar ennegrece-se com uma boneca embebida em tinta da China. Os caracteres aparecem-nos, então, sôbre fundo negro.

FINIS

LAUS DEO

SÉCULO XII

(Museu do Carmo)

(Fotografia do Ex.mo Sr. Coronel Azevedo e Silva)

SÉCULO XII

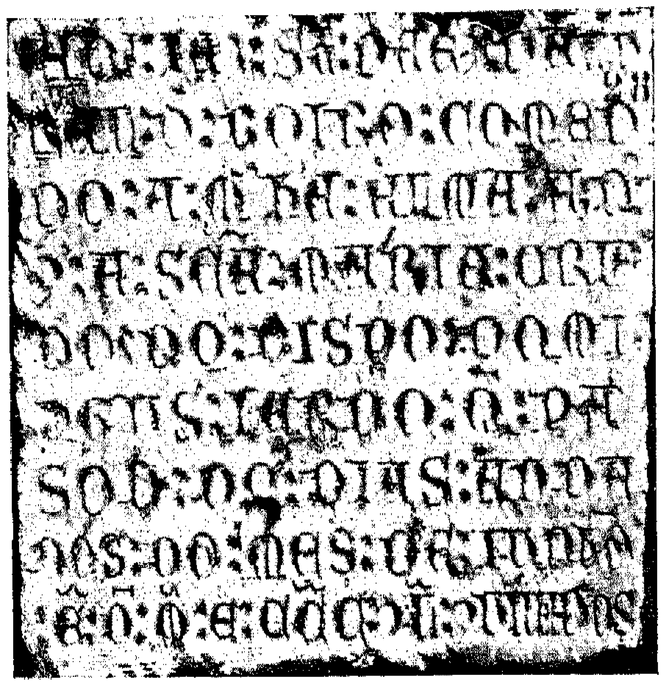
(Tôrres Vedras)

(Fotografia do Ex.mo Sr. Eugénio Silva)

SÉCULO XIII

(Museu do Carmo)

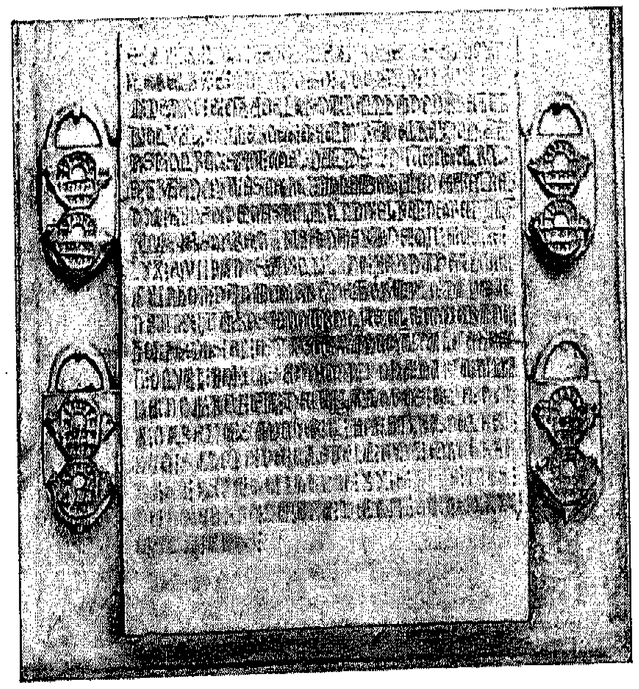
(Fotografia do Ex.mº Sr. Coronel Azevedo e Silva)



Século XIV

(Museu do Carmo)

(Fotografia do Ex.mo Sr. Coronel Azevedo e Silva)



SÉCULO XIV

(Sé de Lisboa)

(Fotografia do Ex.mo Sr. Coronel Azevedo e Silva)

Século XIV

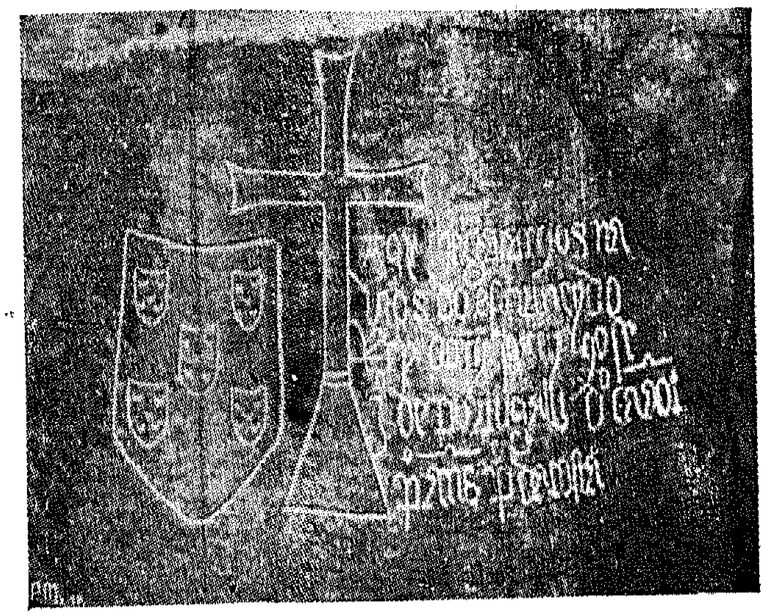
(Museu da Sociedade Martins Sarmento — Guimarães)

(Fotografia do Ex.mo Sr. Capitão Mário Cardoso)

SÉCULO XV

(Da demolida igreja de S. Sebastião — Setubal)

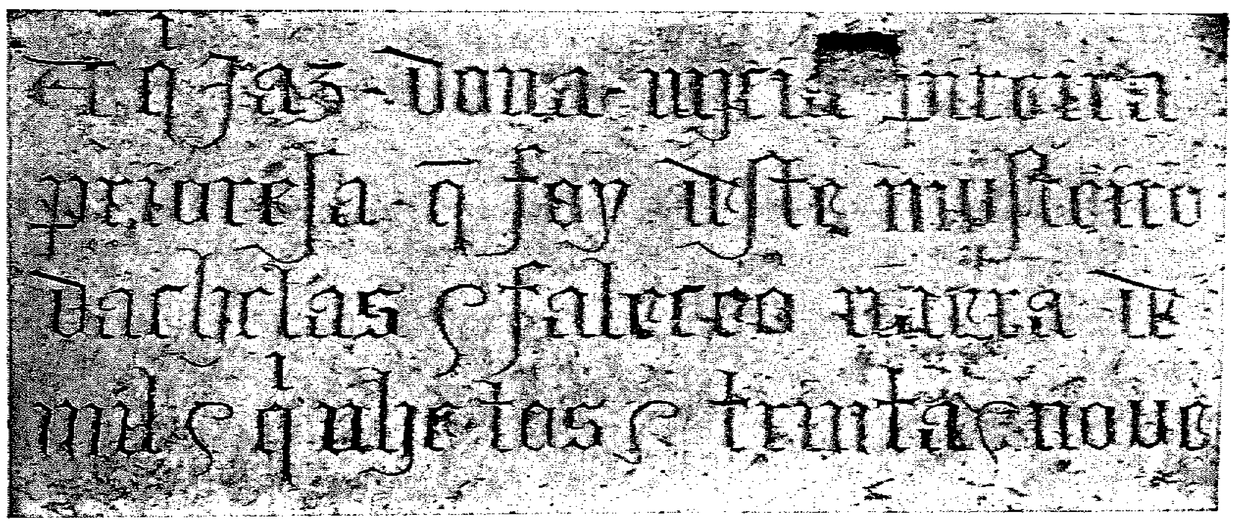
(Fotografia publicada por Mona Júnior, in "Revista de Arqueologia", Vol. I)



SÉCULO XV

Ielala — Zaire

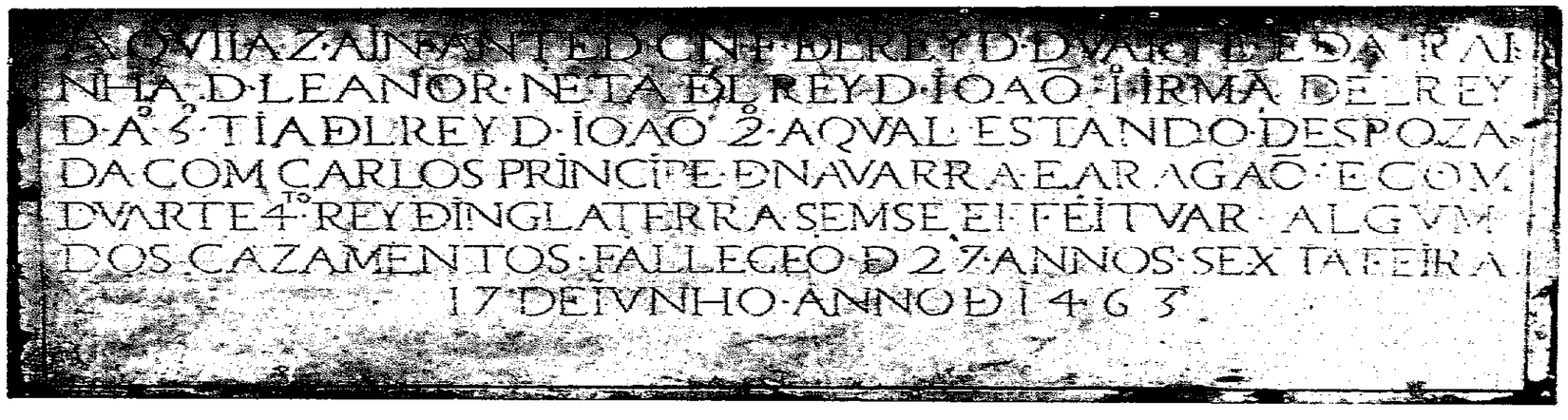
(Fotografia publicada por Luciano Cordeiro in "Brasil-Portugal", 1900)



Século XVI

(Museu do Carmo)

(Fotografia do Ex.mo Sr. Coronel Azevedo e Silva)



SÉCULO XVII

(Museu do Carmo)

(Fotografia do Ex.mo Sr. Coronel Azevedo e Silva)

INDEX

I — Dos caracteres 15
II — Das datas 27
III — Dos pontos de separação 41
IV — Dos sinais 43
V — Das abreviaturas 49
VI — Das letras geminadas, inclusas e sobrepostas 77
VII — Da reconstituição das inscrições 83
VIII — Das inscrições com aspecto arcaico 87
IX — Dos diversos tipos de inscrições 89
X — Dos calcos 105

ERRATAS

Pág.	15,	linha	3,	onde	se lê	*portucalense,*	leia-se,	*portugalense.*
»	17,	»	11,	»	»	*Pompeia,*	»	*Pompeios.*
»	27,	»	5,	»	»	*lei de 15,*	»	*lei de 22.*
»	27,	nota	1,	»	»	*tit. LXVI,*	»	*tit. I §§ 58.º e 59.º*
»	44,	linha	2,	»	»	*uma apóstrofe,*	»	*um apóstrofo.*
»	49,	nota,		»	»	*Encyclopedia,*	»	*Encyclopædia.*
»	50,	»	3,	»	»	*etymologie,*	»	*étymologie.*
»	50,	»		»	»	*representer*	»	*représenter.*
»	86,	»	8,	»	»	*Constit.,*	»	*Consuet.*